

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

CLÁUDIA ADRIANA DE SOUZA CAMPOS

**A BONECA ABAYOMI - UMA BRINCADEIRA QUE DESPERTA O
EMPODERAMENTO DAS CRIANÇAS**

PORTO ALEGRE

2024

CLÁUDIA ADRIANA DE SOUZA CAMPOS

**A BONECA ABAYOMI - UMA BRINCADEIRA QUE DESPERTA O
EMPODERAMENTO DAS CRIANÇAS**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, na Linha de Pesquisa de Ensino de Geografia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Roselane Zordan Costella

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Campos, Cláudia
A BONECA ABAYOMI - UMA BRINCADEIRA QUE DESPERTA O
EMPODERAMENTO DAS CRIANÇAS / Cláudia Campos. -- 2024.
113 f.
Orientador: Roselane Costella.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Cultura Afro-brasileira no Ensino Fundamental.
2. Diversidade cultural e Geografia. I. Costella,
Roselane, orient. II. Título.

CLÁUDIA ADRIANA DE SOUZA CAMPOS

**A BONECA ABAYOMI - UMA BRINCADEIRA QUE DESPERTA O
EMPODERAMENTO DAS CRIANÇAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Geociências.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Roselane Zordan Costella (Orientadora) – UFRGS

Prof.^a Dra. Victória Sabbado de Menezes – UECE

Prof.^a Dra. Claudia Luísa Zeferino Pires - UFRGS

Prof.^a Dra. Denise Wildner Theves – UFRGS

Dedico este trabalho àqueles que, na infância, enfrentam as sombras da discriminação racial e do preconceito. Que cada palavra destas páginas ecoe como um grito contra a injustiça, como um apelo pela igualdade desde os primeiros passos na vida. Que as lágrimas derramadas por aqueles que sofreram inspirem uma mudança profunda dentro das escolas, principalmente nas periféricas. Que a Lei nº 10639/03 siga à luz da diversidade e brilhe cada vez mais intensamente. Agradeço a resiliência das crianças, que, mesmo diante da adversidade, mantêm a chama da esperança acesa. Que este trabalho seja uma contribuição humilde na busca por um futuro em que cada criança seja livre para crescer sem o peso da discriminação, construindo juntos um caminho de inclusão, de compreensão e de RESPEITO. Dedico este trabalho às mães que ainda sobrevivem nas lembranças, nas paredes, no chão e nos sons dos navios negreiros.

AGRADECIMENTOS

Espera-se que este trabalho seja também uma celebração do nosso amor, da união e da dedicação mútua. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por fazerem parte desta conquista comigo. Ao meu amado esposo, Sérgio Darci Oliveira de Campos, aos meus filhos, Wesley e Sérgio Jr., à minha nora Cristielle, pelo apoio inabalável e amor incondicional ao longo desta jornada. Suas palavras de incentivo e de compreensão foram a luz que iluminou os momentos mais desafiadores. E a presença constante de todos foi o alicerce necessário para a construção deste trabalho.

Agradeço também ao casal de amigos, Carlos Aigner e Cláudia Luísa Pires, cujo apoio e encorajamento foram essenciais para manter minha determinação e perseverança. Sua confiança em mim foi um presente inestimável e, por isso, sou profundamente grata por sua presença em minha vida.

Agradeço às professoras Dra. Victória Sabbado de Menezes e Denise Wiltner Theves, pelo apoio, compreensão e carinho, além de todas as contribuições para que chegássemos a este dia. Vocês são muito especiais em minha trajetória. Meu agradecimento especial, também, aos professores, estudantes e colaboradores da Escola Matias Albuquerque, que fizeram parte desta experiência marcante.

Não tenho palavras para expressar minha gratidão a esta orientadora incrível, cuja orientação transcendia os limites do acadêmico para se tornar uma fonte constante de inspiração e de apoio. Sua crença em meu potencial e seu compromisso em me ajudar a alcançar meus objetivos foram fundamentais para o sucesso desta pesquisa. Suas palavras de estímulo e seus elogios emocionantes foram um incentivo valioso, que impulsionou minha jornada acadêmica. Agradeço do fundo do coração por sua dedicação, paciência e orientação ao longo deste processo, que transformou não apenas meu trabalho acadêmico, mas também minha jornada pessoal. Então, Prof.^a Dra. Roselane Zordan Costella, gratidão, gratidão, por ter me dado a oportunidade de aprender com alguém tão excepcional como você: pessoa iluminada, inesquecível. Por mais Roselane nesse Mundo, assim, a educação seria diferente.

*Oh Deus do céu! ouça o gemido maternal -simpatizante!
Um raio de inteligência cai como faísca iluminante.
Vou rasgar minhas roupas e somente com o coração farei
boneca, senadores, mãos, que emoção!*

Gessé Antônio de Souza (10/04/2015)

RESUMO

Esta pesquisa aborda a contribuição das bonecas Abayomis, destacando seu papel no empoderamento cultural e social. Ainda, apresenta uma análise acerca da importância dessas bonecas como instrumentos educativos, ressaltando como podem ser utilizadas para disseminar a Lei nº 10639/03, que trata da inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar, bem como a aprendizagem/educação com as crianças e com a Geografia. O estudo destaca o potencial das Abayomis como práxis pedagógicas para promover a diversidade e fortalecer a identidade afrodescendente, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais inclusiva, consciente e antirracista. O principal objetivo desta prática é desenvolver a capacidade reflexiva em alunos da Educação Básica, em escolas públicas da rede estadual, na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, no que se refere ao respeito à diversidade. A atividade foi realizada com estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A metodologia abordada foi a pesquisa qualitativa, utilizando-se como dispositivo as narrativas dentro do método autobiográfico, com grupo focal. Como resultado, este trabalho apontou o envolvimento massivo de professores, de estudantes e das famílias; o desenvolvimento da criticidade, tanto no entendimento e respeito dos diferentes grupos que compõem a sociedade, como na compreensão dos arranjos espaciais, entendendo a localização destes grupos no tempo e no espaço; bem como as exposições dos trabalhos em diferentes ambientes. Em relação às diferentes linguagens geográficas, escolheu-se a representação pela arte, na confecção da boneca, e pela literatura, na confecção de um livro infantil.

Palavras-chave: Abayomi. Diversidade Espacial. Cultura Afro-brasileira. Educação. Geografia.

RESUMEN

Esta investigación aborda el aporte de las muñecas Abayomis, destacando su papel en el empoderamiento cultural y social. Además, presenta un análisis de la importancia de estas muñecas como instrumentos educativos, destacando cómo pueden ser utilizados para difundir la Ley n° 10639/03, que trata de la inclusión de la historia y la cultura afrobrasileña en el currículo escolar, y para el proceso de aprendizaje/educación infantil y la relación con la Geografía. El estudio destaca el potencial de las Abayomis como praxis pedagógica para promover la diversidad y fortalecer la identidad afrodescendiente, contribuyendo así a la construcción de una sociedad más inclusiva, consciente y antirracista. El principal objetivo de esta práctica es desarrollar la capacidad reflexiva en estudiantes de Educación Básica, en escuelas públicas de la red estatal, en la ciudad de Porto Alegre, Río Grande del Sur, en relación al respeto a la diversidad. La actividad se realizó con alumnos de 1° a 5° año de Educación Primaria. La metodología abordada fue la investigación cualitativa, utilizando las narrativas dentro del método autobiográfico, con un grupo foca. Como resultado, este trabajo destacó la implicación masiva de docentes, estudiantes y familias; el desarrollo de la criticidad tanto en la comprensión y el respeto de los diferentes grupos que componen la sociedad como en la comprensión de las disposiciones espaciales, comprendiendo la ubicación de estos grupos en el tiempo y el espacio; así como exposiciones de obras en diferentes ambientes. En relación a los diferentes lenguajes geográficos, se optó por la representación a través del arte en la confección de la muñeca y a través de la literatura en la confección de un libro infantil.

Palabras clave: Abayomi. Diversidad Espacial. Cultura Afrobrasileña. Educación. Geografía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Municipal Dolores Alcatraz Caldas	18
Figura 2 – Exposição de cartazes	30
Figura 3 – Pintura no muro da escola	31
Figura 4 - Localização da Escola	32
Figura 5 - Localização ampliada da Escola.....	32
Figura 6 – Mapa da localização.....	33
Figura 7 – Escola: Lugar de preservar - Morro da Tapera	33
Figura 8 – Comunidade do Morro da Tapera (Bola 10).....	34
Figura 9 – Pátio da escola.....	34
Figura 10 – Processo de Confecção das Bonecas.....	43
Figura 11 – Bonecas confeccionadas	43
Figura 12 – Oficina Escolar no CAFF	47
Figura 13 – Professora e alunos SEDUC(RS).....	48
Figura 14 – Realização do projeto.....	48
Figura 15 – Projeto em andamento	49
Figura 16 - I Feira de Direitos Humanos PGE RS	49
Figura 17 – Projeto incentivo à leitura	50
Figura 18 - II Feira de direitos Humanos PGE RS.....	51
Figura 19 – Bonecas Abayomis	51
Figura 20 - Evento dos Parceiros Voluntários - SESC Fórum Tribal 1	52
Figura 21 - Fórum Tribal Metropolitano - SESC Fórum Tribal 2.....	52
Figura 22 - Feira Direitos Humanos (PGE).....	53
Figura 23 - Feira Direitos Humanos (PGE).....	53
Figura 24 – Distribuição das bonecas Abayomis.....	54
Figura 25 – Código QR	55
Figura 26 – Stand da SEDUC (RS)	55
Figura 27- Caminho Percorrido	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das professoras.....	57
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP - Área De Preservação Ambiental
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAFF - Centro Administrativo Fernando Ferrari
CIPAVE - Comissão Interna De Prevenção A Acidentes E Violência Escolar
CRE - Coordenadoria Regional De Educação
DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação
ENANPEGE - Encontro Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Geografia
ENPEG - Encontro Nacional De Ensino De Geografia
FACEL – Faculdade De Administração, Ciências, Educação E Letras
FURG – Universidade Do Rio Grande
IDEB - Índice De Desenvolvimento Da Educação Básica
IFRS – Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Rio Grande Do Sul
IPEA - Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada
MEC - Ministério Da Educação
ONG – Organização Não Governamental
OSPA – Orquestra Sinfônica De Porto Alegre
PGE – Procuradoria Geral Do Estado
PGERS - Procuradoria-Geral Estado Rio Grande do Sul
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático
POSGEA - Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFRGS
PPP - Projeto Político-Pedagógico
SEPPIR - Secretaria De Políticas De Promoção Para A Igualdade Racial
ULBRA - Universidade Luterana Do Brasil
UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo Da Vinci

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 COMO ME TORNEI QUEM EU SOU – APRESENTAÇÃO DE MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA.....	17
3 A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA LEI Nº 10.639/03 PARA A GARANTIA DE DIREITOS	26
4 O LUGAR DAS CRIANÇAS E DA BONECA	32
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	38
6 DANDO VIDA À BONECA.....	43
7 A ESCUTA DE QUEM VIVENCIOU.....	57
7.1 A palavra das professoras.....	58
7.1.1 Professora Vitória	58
7.1.2 Professora Fortaleza	63
7.2 As palavras das crianças.....	65
8 A BONECA ABAYOMI E A RODA DA IGUALDADE	72
9 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICE A - TRANSFORMANDO HISTÓRIA PELA PRÓPRIA ABAYOMI: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA	90
APÊNDICE B - ABAYOMIS TRANSFORMANDO A HISTÓRIA PELA PRÓPRIA HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA.....	104

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão acerca de uma atividade realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, tendo como motivação a preocupação em relação às diferenças e às discriminações, sobretudo com o racismo. Para que as crianças compreendessem a sua própria história e se empoderassem pela cultura, foi proposta a criação de uma boneca chamada Abayomi.

Como objetivo, busca-se suscitar reflexões sobre a importância do trabalho intencional lúdico com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que consiste na confecção de uma boneca com a ideia de despertar a consciência sobre a relevância cultural antirracismo.

Como questão de pesquisa, apresentamos a seguinte indagação: *É possível, por meio de um trabalho lúdico, despertar nas crianças a consciência sobre a importância da história que envolve suas origens?*

Para dar conta da questão de pesquisa e do objetivo maior, traçamos os seguintes objetivos secundários: Desenvolver estratégias pedagógicas inovadoras que integrem as bonecas Abayomis com a aprendizagem/educação; Fomentar a interdisciplinaridade entre diferentes disciplinas, como História, Literatura e Educação Artística, por meio da exploração das narrativas das crianças e das bonecas Abayomis; Avaliar o impacto das práticas pedagógicas propostas na percepção das crianças em relação à Lei nº 10.639/03, buscando identificar avanços na compreensão e no respeito pela diversidade cultural e étnica; Produzir um livro de literatura infantil que verse sobre a diversidade cultural tendo como protagonista a boneca Abayomi.

Para dar conta destes objetivos e da intencionalidade da pesquisa, a metodologia abordada foi a qualitativa, utilizando-se como dispositivo as narrativas dentro do método autobiográfico.

Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa bibliográfica referente à lei nº 10639/03¹ (inclusão no currículo oficial da rede de ensino acerca da obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"), a qual completou duas décadas. A não implantação da Lei nº 10639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da

¹ L10639. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

história e cultura afro-brasileira nas escolas, pode resultar na perpetuação de estereótipos, preconceitos e discriminações. Além disso, contribui para a invisibilidade da população negra na formação da sociedade brasileira, comprometendo a construção de uma educação mais inclusiva e plural.

Também, para o aporte teórico, realizou-se uma revisão de literatura concernente aos eixos temáticos basilares da pesquisa. Para o estudo do método, destaco Abrahão (2003), Delory-Momberger (2011) e Josso, Marie-Christine (2020). Acerca do ensino e aprendizagem, ressalto Costella (2015, 2019, 2021, 2022), Freire (1996), entre outros autores que auxiliaram no diálogo para a construção desta pesquisa.

A discriminação racial é um fenômeno social que permeia diversas esferas da vida, incluindo o ambiente educacional. No contexto do ensino da Geografia, as relações espaciais desempenham um papel crucial na compreensão das disparidades socioeconômicas e culturais. O racismo pode se manifestar através da exclusão de perspectivas históricas e culturais diversas nos currículos de Geografia, perpetuando estereótipos e marginalizando grupos étnicos. Ao abordar as relações espaciais de maneira inclusiva, a Geografia pode ser uma proposta poderosa para desconstruir preconceitos, promover o respeito à diversidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em um segundo momento, buscou-se desenvolver a prática, tendo a ludicidade como pressuposto para desempenhar um papel fundamental nos anos iniciais, proporcionando um ambiente de aprendizado envolvente e estimulante. Ao apresentar atividades lúdicas, como o projeto das bonecas Abayomi, as crianças não apenas desenvolvem habilidades cognitivas, mas também cultivam valores essenciais para a cidadania. Por meio das Abayomis, que representam a diversidade cultural e a importância da união, as crianças aprendem sobre respeito, aceitação e valorização da identidade coletiva. Dessa forma, a ludicidade não apenas enriquece o processo educacional, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e empáticos desde os primeiros anos de escolaridade.

As atividades junto às crianças tiveram início com a contação da história das Abayomis, seguida da construção da boneca e os relatos dos estudantes sobre o que eles sentiram ao construí-la, por meio das narrativas descritas e comentadas, nas rodas de conversas. Ao final, a partir desta metodologia, também se deu a construção de um livro que resume essa preocupação com a desigualdade. O livro representa um

caminho para professores fomentarem a Lei nº 10639/03, empoderando aqueles que realizarem a leitura.

Intenciona-se dividir a dissertação em oito seções, para que dialoguem com os objetivos pretendidos. Na sequência, os tópicos serão apresentados com a intenção de orientar a leitura e revisitar, a partir deles, os objetivos propostos.

Na seção 1, com o título *Como me tornei quem eu sou*, tem-se a apresentação da minha trajetória de vida, com a intenção de elucidar os motivos que me tornaram uma professora preocupada com a inclusão e, também, uma lutadora contra as injustiças sociais, considerando-se que o professor é constituído de suas histórias e trajetórias.

Na seção 2, *A importância e a necessidade da Lei nº 10.639/03 para a garantia de direitos*, apresenta-se a relação entre a escola e o desenvolvimento humano das crianças, desta forma, o estudo desta legislação fomentará as discussões necessárias para a pesquisa. A Lei nº 10.639/03 deveria desempenhar um papel crucial nas escolas, entretanto, já se passaram duas décadas da sua promulgação e ela não é cumprida em sua integralidade. Seu objetivo é o de promover a inclusão e reduzir a discriminação, o preconceito, promovendo essa cultura riquíssima que faz parte de nossa sociedade.

Na seção 3, *O lugar das crianças e da boneca*, apresenta-se a localização da escola, a qual possui uma atmosfera única, pois encontra-se em frente a uma área de preservação ambiental, proporcionando um ambiente tranquilo e natural para os estudantes. Em frente ao local, contrastando com essa serenidade, há uma via rápida asfaltada, conectando a escola ao mundo exterior com praticidade e acessibilidade.

Na seção 4, *Caminhos Metodológicos*, estão presentes a metodologia utilizada e a forma como os objetivos pretendidos serão desenvolvidos. A metodologia baseia-se na narrativa das crianças em relação às sensações sentidas na construção da boneca e na demonstração da mesma para lugares fora da escola.

Na seção 5, *Dando vida à boneca*, será detalhado como aconteceu a construção da boneca. Para tanto, serão descritos todos os passos necessários. Sempre enfatizando que, em meio a esta construção, vão se extrapolando sentimentos, que provocam empoderamento de histórias de vida.

Na seção 6, *A escuta de quem vivenciou*, são explanadas as narrativas dos momentos do grupo focal com os estudantes, especificamente, a narrativa individual com três crianças e as narrativas de duas professoras. Assim, os relatos envolventes

de alunos e professores culminaram na criação de um livro infantil vibrante e colorido, em que a colaboração entre educadores e crianças deu vida a muitas histórias cativantes.

Na seção 7, *A boneca Abayomi e a roda da igualdade*, tem-se a apresentação do livro infantil construído durante esta pesquisa. Inicialmente, frisa-se que a ideia principal foi a construção de um livro que apresentasse a proposta de um trabalho com vistas a desenvolver o enfrentamento à discriminação racial. A diversidade de perspectivas resultou em uma obra única, repleta de imaginação e de aprendizado, proporcionando uma experiência enriquecedora para os participantes e para os futuros leitores.

Nas considerações finais, os objetivos foram retomados e foram descritos os principais resultados da pesquisa.

Esta pesquisa preza geografias reflexivas com as crianças, por um espaço no currículo escolar que possa incitar o dar-se conta de quem somos e o que temos, bem como o poder de fazer. Compreendemos que os objetos do conhecimento só terão sentido na vida escolar se provocarem situações em que o pensamento sobre o mundo supere um conjunto de informações vazias de sentido e de vida.

2 COMO ME TORNEI QUEM EU SOU – APRESENTAÇÃO DE MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Considera-se que o professor é constituído de suas histórias e trajetórias, por esta razão, este capítulo vai elucidar os motivos que me levaram, enquanto professora, a pensar sobre a importância do resgate da autoestima dos alunos para a construção de uma educação transformadora, que permita aos educandos que se posicionem na vida.

Minha caminhada é semelhante à de muitos brasileiros, em minha memória, guardo partes de minha infância que descrevo na sequência. Meu pai era funcionário público da prefeitura de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e no contraturno atuava como motorista de ônibus da empresa Belém Novo. E, mesmo trabalhando em dois empregos, a situação financeira era muito difícil, ele vivia preocupado e se empenhava para que não nos faltasse comida na mesa. Minha mãe, por muitas vezes, dividiu a comida em pequenas porções entre os cinco filhos e com os filhos da vizinha que viviam em situação precária como a nossa. Para auxiliar na renda, fazia conservas e merengues para vender. Lembro-me que minha irmã e eu, com oito e sete anos, respectivamente, vendíamos no bairro as produções realizadas em casa.

Minha família mudou-se no início dos anos 70 para o Bairro Restinga, situado na zona sul Porto Alegre, RS. Naquela época, o bairro era dividido por uma rua sem pavimentação. De um lado da rua situava-se a chamada Restinga Nova, com mil casas populares construídas pelo Departamento Municipal de Habitação, destinada ao público de baixa renda com inscrição nesse órgão, em que se pagava prestação mensal durante vinte quatro anos. Meu pai recebeu a chave da casa 914. Do outro lado da rua, localizava-se a Restinga Velha, ali, os moradores já estavam desde o ano de 1966, após serem removidos de várias comunidades da capital, tais como Ilhota, Dona Teodora, Marítimos, Santa Luzia, dentre outras.

O Bairro Restinga localiza-se a uma distância de 22 km do centro de Porto Alegre, sendo que, à época, só havia dois horários de ônibus: um pela manhã e outro pela tarde. Além disso, havia apenas uma caixa d'água imensa, uma delegacia pintada de verde, em construção de madeira, e uma padaria. Essas são lembranças que fluem da minha história. Acerca da Restinga Velha, lembro-me da escola José do

Patrocínio e da Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas². A escola Dolores tinha sua construção em madeira, na cor laranja, composta por dois prédios. Foi nesses prédios que comecei meus estudos, aos sete anos, pois não fiz o chamado jardim de infância. No período da minha infância, não havia a obrigatoriedade de frequência na escola antes do primeiro ano, apesar de querer estudar, tínhamos que pagar e meus pais não tinham condições para isso.

Lembro-me, também, de ver as outras crianças usando guarda-pó branco, um chapeuzinho vermelho, dirigindo-se até a escola. Almejava muito estar junto, mas não podia. Assim, somente quando completei sete anos, chegou a minha vez de ir à escola. Para mim, a lembrança da minha professora do primeiro ano é inesquecível, da professora Luisinha, bem magrinha, usava óculos, cabelos compridos pretos, sempre vestida com saia comprida. No primeiro dia de aula, ela nos deu um lápis, era muito carinhosa com todos e, assim, fui alfabetizada por ela. Tínhamos uma cartilha em preto e branco, uma para cada criança. Era uma turma com muitos alunos e, às vezes, a professora chegava atrasada, pois o ônibus que realizava o transporte passava em várias escolas da Zona Sul, ficávamos no portão esperando por ela.

Na escola Dolores (Figura 1), cursei todo o Ensino Fundamental, foram anos bem difíceis. Lembro-me de que ia para escola de chinelo de dedo e com roupas que minha mãe ganhava. Naquele período, não lembro de ter tido roupa nova. Uma das minhas maiores alegrias foi quando minha família conseguiu comprar um *Kichute*, um tênis preto com umas travas embaixo, muito usado por meninos, tendo em vista que tênis para meninas era da marca Bamba, mas era muito caro, então, fora de nossas condições. Sempre gostei muito de estudar, essas questões de carências materiais não me incomodavam. Minha maior alegria era brincar de professora com minhas colegas, certamente, meu sonho era ser igual à minha professora. Adorava ir para a biblioteca na hora do recreio, um ambiente pequeno, mas muito limpo e muito organizado. Lá, havia uma professora sempre sorridente.

Figura 1 - Escola Municipal Dolores Alcatraz Caldas

² A Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas começou a funcionar em 1950 em uma modesta casa na Vila Dona Teodora. Foi fundada por Patrocina Saldanha da Gama, que construiu sua própria escola, mobiliando-a com velhos móveis escolares conseguidos junto à Secretaria de Educação e Cultura. No dia 21 de março de 1950, Dona Patrocina viu seu sonho realizado. Em 25 de julho de 1957, foi oficialmente fundada a Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas, por meio do Decreto nº 1282/57. Em 1971, a Escola recebeu um novo prédio localizado na Vila Nova Restinga, onde deveria dar continuidade às suas atividades. Em 30 de junho de 1977, pelo Decreto de Denominação nº 6008, a Escola recebia sua nova denominação passando a ser chamada ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU DOLORES ALCARAZ CALDAS.



Fonte: SMED (1971)

Do meu Ensino Fundamental tenho as melhores lembranças, no sétimo ano, participei da banda da escola e adorava as aulas de técnicas agrícolas. Passei por uma única reprovação, na terceira série. Hoje, entendo que ocorreu em virtude do contexto familiar, pois tínhamos que dar conta da escola e de ajudar minha mãe, que, além das conservas e merengues, abriu na garagem uma fruteira pequena que vendia de tudo um pouco, minha irmã e eu auxiliávamos nessa empreitada. Das minhas lembranças fluem momentos como aquele em que subíamos em um caixote de madeira para atender no balcão.

O Ensino Médio só pude cursar muitos anos após terminar o ensino fundamental, no Colégio Ildo Meneghetti³, situado no mesmo bairro, porém, não concluí nem o primeiro bimestre, pois o comércio da família prosperou. Por essa razão, minha irmã já havia parado de estudar na quinta série. Por ser menor de idade não podia estudar à noite, desta forma, adiei meu sonho de frequentar a escola.

³ O nome dado para a escola deu-se em homenagem a Ildo Meneghetti, que foi um engenheiro e político brasileiro. Presidiu o Sport Club Internacional, do qual é patrono perpétuo, foi duas vezes prefeito de Porto Alegre, e de 1955 a 1959 e de 1963 a 1966, foi Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Os anos foram passando e, aos trinta anos, retornei aos estudos com o apoio do meu marido. Não foi uma tarefa fácil entrar no curso de magistério do colégio Ildo Meneghetti, que funcionava de forma concomitante ao ensino médio. As vagas eram muito disputadas por jovens que estavam saindo do ensino fundamental, e as vagas remanescentes eram muito difíceis de serem obtidas. Fui várias e várias vezes na escola, falei com diretora, vice-diretora, secretária, não acreditava mais que conseguiria a tão sonhada vaga.

Em meio a tantas tentativas, em uma ocasião, fui convidada a ir à sala da direção. E, devo dizer, se hoje sou professora, foi porque duas grandes profissionais e seres humanos incríveis me deram a oportunidade. Elas driblaram muitos preconceitos, principalmente em relação à minha idade. Estou me referindo à professora e diretora Marialice Mendes Ribeiro e à vice-diretora Rosangela Cremonese. Até hoje, as palavras da Marialice soam em meus ouvidos: “[...] para ser professor tem que vestir a camiseta da educação, não me decepcione”.

No centro das preocupações se aloja, mais ou menos explicitamente expressa, a questão da identidade, sob a forma de temáticas como a da solidariedade numa sociedade que multiplica as formas de exclusão, a das pertencas ou das estratégias profissionais ligadas à estabilidade no emprego, a das transformações subsequentes ao desaparecimento de setores de atividade ou às restrições orçamentárias, a dos meios de defesa e de reivindicação, por exemplo, a da maneira pela qual o círculo de relações e as mídias levam em consideração ou não feridas psíquicas e somáticas geradas por tantas incertezas, de perdas econômicas e de dignidade (Josso, 2020, p. 414).

Josso suscita uma reflexão sobre as histórias compostas por situações sociais e econômicas que nos levam a carregar memórias não tão boas, mas, ao mesmo tempo, de superação. A nossa identidade é parte de tudo o que passamos, sentimos, narramos.

Retomei meus estudos quinze anos depois, por certo, eu fui muito persistente. Aos poucos, os professores perceberam que, apesar de todas as dificuldades que eu tinha (e reconheço), poderia dar conta de estudar e de ultrapassar barreiras. Muitas vezes, pensei em desistir, no entanto, meu marido dava-me forças para continuar. Muito chorei pelas dificuldades que carregava, refazia várias e várias vezes o mesmo planejamento. Hoje, sou grata a esses professores, pois eles sabiam que eu era capaz. Precisei recorrer até a cadernos de caligrafia, mas era visível a todos o meu esforço. Sem dúvida, era extremamente comprometida com os estudos, sempre fui

um pouco visionária, inclusive. Lembro-me de cada projeto realizado. Havia um sobre trânsito, nesse, criei um circuito em tamanho real; em outro, um formigueiro dentro de um aquário, que se espalhou por toda a escola. Para mim, a assertiva de que o aluno deve vivenciar as aprendizagens era sagrada, pois é fundamental para o seu crescimento. Além disso, para enfrentar as dificuldades, era preciso inovar, para isso, contava com o material que estava ao meu alcance e, assim, fui me destacando com o que criava. Desse modo, fui conquistando o respeito de todos. Quanto a isso, Menezes nos elucida:

A procura pela sabedoria da vida associa-se à mirada constante pela autorreflexão da primeira geografia de cada um. Quem somos, o que fazemos e como nos posicionamos na vida, na profissão docente e no mundo são questões existenciais que permitem rever nossa geografia para refazer nossa história (Costella; Menezes, 2022, p. 96).

Na verdade, refiz a minha Geografia e a minha história, dei outro curso para minha existência. Sem ter a noção, eu me autorrefletia, não tinha medo da vida. Esta minha força me construiu e, assim, quem eu sou reflete minhas ações junto à escola e aos alunos.

Naquele momento de minha vida, meu filho tinha três anos, vivenciávamos uma fase de muitas dificuldades financeiras. Eu pintava peças de gesso para vender e fazia algumas faxinas, quando aparecia, e meu marido, por sua vez, era pedreiro. E foi assim que, além das despesas diárias com a casa, também, comprava material para o curso, pois mesmo sendo em escola pública, esse curso demandava um grande número de materiais didáticos. Estava no segundo ano de magistério, quando fui chamada pela diretora. Na ocasião, ela comentou que estava aberto o concurso para servidor de escola do estado, então, meu marido e eu nos inscrevemos. Fomos aprovados e em 2003 fomos nomeados. Na oportunidade, fui designada para o colégio Ildo Meneghetti, justamente na escola em que eu era aluna.

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se tanto a problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações (Josso, 2020, p. 414).

No Colégio Ildo Meneghetti, formei-me em 2004, com nota máxima, por certo, uma conquista imensa. Assim que terminei o curso, meu marido e a diretora do Colégio sugeriram e me incentivaram para que eu desse continuidade aos estudos em um curso superior. Desta forma, iniciei na Universidade Luterana do Brasil - ULBRA o curso de História, que era contemplado com um programa chamado *Brasil 500 anos*⁴. Como menciona Josso (2020), a escola é um lugar de mutação e foi exatamente isso que esta escola me proporcionou: várias mutações.

Na universidade, cursei duas cadeiras, uma em cada semestre, e depois troquei de instituição, quando ingressei no Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. Nessa instituição, concluí o curso em 2010, logo em seguida, dei início a uma pós-graduação em Pedagogia Gestora, em Supervisão e Orientação Educacional, pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras - FACEL. Nessa ocasião, havia aulas nas sextas à noite e aos sábados o dia inteiro. Após concluir esse curso, já dei início, na mesma instituição, a um outro curso de Supervisão Escolar.

Após o término do meu estágio probatório, passei a fazer parte da equipe administrativa do colégio. Lembro-me de ter sofrido muita discriminação por ser funcionária, mesmo tendo formação e fazendo o trabalho com empenho e dedicação. Como, por exemplo, quando fui oficinaira no Programa *Mais educação*⁵, ministrando a oficina sobre educação ambiental.

O tempo foi passando e eu, após alguns ajustes de horários e de trabalho, consegui participar da chapa para eleição à equipe diretiva da instituição, desse modo, após eleita, ocupei o cargo de vice-diretora. No ano de 2013, a Secretaria de Educação designou-me para Escola Estadual de Ensino Fundamental Vicenteda Fontoura, na qual assumi a coordenação Pedagógica do Programa *Mais Educação* da escola, e, em concomitância, a coordenação Pedagógica do Programa *Aluno Cidadão*⁶, uma

⁴ O programa *Brasil 500 Anos* foi uma iniciativa da Ulbra para oferecer formação universitária a pessoas maiores de 35 anos. As inscrições para o projeto foram abertas em junho de 2002 e o curso começou no ano seguinte.

⁵ O Programa *Mais Educação*, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto nº 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, que amplia a jornada escolar nas escolas públicas para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos.

⁶ O projeto Aluno Cidadão, uma ação do programa estadual RS na Paz, recebeu um apoio em 2014. Aprovado para receber recursos na Consulta Popular do ano passado, o projeto ganhará um centro de referência e subsídios para ser aplicado em mais escolas dos Territórios de Paz de Porto Alegre. Na

parceria da Secretaria de Educação com a Secretaria de Segurança Pública, que almejava diminuir a violência nas escolas, bem como a evasão escolar, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental.

Nesses cursos, os professores eram protagonistas, eram realizadas as formações dos profissionais nas mais diversas temáticas, que levavam sempre em conta a realidade da comunidade. Aquele foi um período de muito trabalho, de muitos estudos e de resultados positivos, felizmente.

Na sequência, fui indicada para representar a escola em um curso de extensão ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. O curso, denominado *O Lúdico na Educação Ambiental*, foi um divisor de águas em minha vida, pois nele encontrei minha fonte de inspiração para escrever meu primeiro livro sobre meio ambiente.

Assim, pude escrever sobre um tema tão importante e que era pouco trabalhado com os alunos e, quando trabalhado, ficava totalmente fora da realidade. Ouvia-se muito: “vamos fazer um projeto sobre o meio ambiente”, pegavam uma muda de árvore e plantavam junto ao muro da escola, quando crescia, arrancavam fora o muro. Mal-intencionadas? Não, mas sem qualificação, sem material para pesquisa e sem tempo nem dinheiro para qualificação.

Ao mesmo tempo, passei em uma seleção no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS para o curso Técnico em Biblioteconomia. Sempre fui fascinada por livros, então, ter a possibilidade de incentivar as crianças a ler era o meu maior objetivo. Em verdade, continua sendo até os dias de hoje, pois levo para dentro da escola todo o conhecimento construído no curso de Técnico em Biblioteconomia.

No ano de 2014, minha vida funcional sofreu mais uma mudança radical, fui enviada para a Escola José do Patrocínio⁷, na Restinga Velha, para realizar uma intervenção pedagógica. Assim, assumi a vice-direção do turno da manhã e a supervisão pedagógica do Ensino Médio, da EJA e do Ensino Fundamental II. Nessa escola, pude concluir o que já havia observado tanto nas escolas em que fui lotada

tarde desta sexta-feira (27), a Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos (SJDH) assinou um convênio com o Instituto Pobres Servos da Divina Providência - Centro de Promoção da Infância e da Juventude para viabilizar o projeto.

⁷ Nome dado à escola em homenagem a José Carlos do Patrocínio (Campos dos Goytacazes, 8 de outubro de 1854 – Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1905), que foi um farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Mulato constituiu-se em uma das mais destacadas figuras do movimento abolicionista e republicano no Rio de Janeiro.

quanto naquelas em que desenvolvi o *Programa Aluno Cidadão*. Não havia formações continuadas para nossos professores, pois a maioria trabalhava com uma carga horária de sessenta horas-aula para poder sustentar suas famílias.

Desse modo, todas as formações possíveis objetivavam proporcionar aos profissionais da escola o mínimo de condições para aprimoramento de suas práticas pedagógicas, visto que se tratava de uma instituição com mil e quinhentos alunos.

Ao concluir o trabalho, em janeiro de 2016, a Secretaria de Educação indicou-me ao cargo de diretora da escola Matias de Albuquerque, em que houve processo eleitoral no ano de 2018 e ao final de 2021, em ambos fui eleita.

No final do ano de 2016, inscrevi-me em dois processos seletivos para pós-graduação na FURG, em nenhum momento, imaginei que seria selecionada nos dois processos. No entanto, foi o que aconteceu, assim, com o apoio do meu marido, decidi que não perderia essa oportunidade, um curso de pós-graduação em Educação Ambiental e pós-graduação em Mídias na Educação. Foram dois anos de muitos estudos, noites em claro, finais de semana dedicados à realização de trabalhos.

Certamente, pensei em desistir inúmeras vezes, mas contava sempre com o apoio incondicional da minha família para seguir em frente. Nesses cursos, construí conhecimentos que tive o privilégio de socializar com as colegas, pois consegui autorização da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul - SEDUC-RS para desenvolver as duas pesquisas, dos respectivos cursos, na escola em que trabalhava e que trabalho até hoje. No ano de 2019, surgiu mais uma grande oportunidade para me qualificar, um curso de pós-graduação pela FURG em Educação em Direitos Humanos. Desse modo, cursei e concluí com um projeto, o qual tinha como linha de pesquisa o *Direito Igualitário à Educação durante a Pandemia*. Quando olho para trás, vejo que todos os cursos que tive o privilégio de estudar acabaram sempre se interligando e interligando minha vida a outras vidas e a outros pontos.

O mestrado ainda me parece um sonho. Não consigo ainda acreditar que sou aluna de mestrado da UFRGS e que tenho como orientadora a professora Roselane Zordan Costella. Conheci Costella ao realizar uma cadeira como aluna especial de mestrado. À época, fiquei encantada pelo trabalho sensacional que ela desenvolveu, ela continuará sendo minha inspiração para meu trabalho, com seus ensinamentos. Creio que a minha pesquisa poderá auxiliar muitos colegas a qualificar cada vez mais o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos. Com isso, meu sonho de infância

se realizará: ser uma professora como Luisinha, que fez parte do meu passado e é hoje o meu presente.

Relaciono minha trajetória a uma Flor de Lótus, que nasce do lodo e se transforma em flor. Em outros termos, simboliza a superação e a coragem para enfrentar as adversidades em busca de um sonho: ser uma professora qualificada. Gratidão, professora Roselane, pela oportunidade.

3 A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA LEI Nº 10.639/03 PARA A GARANTIA DE DIREITOS

A Lei nº 10.639/03 é crucial para os direitos humanos, pois estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. A legislação busca ampliar a compreensão dos estudantes sobre a diversidade cultural do país. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também combate estereótipos e preconceitos, fomentando uma sociedade mais igualitária. A abordagem desses conteúdos contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de reconhecer e respeitar as diferentes origens étnicas, fortalecendo, assim, os alicerces de uma educação mais inclusiva e justa.

Segundo Santos (2011, p. 5), a Lei nº 10.639, promulgada em janeiro de 2003, é atualmente o principal instrumento de combate ao racismo no campo da educação. Fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro, ela vem tendo sua aplicação marcada por uma pluralidade de formas de atuação deste movimento social, que dá cada vez maior amplitude e complexidade aos desdobramentos da Lei.

O texto referente à mudança na legislação está assim posto:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA - Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º - A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. § 3º (VETADO)" "Art. 79-A. (VETADO)" "Art. 79-B. O calendário escolar inclui o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República (Santos, 2011, p. 6).

Fazendo coro à legislação, Santos pondera:

Tal texto é resultado de um complexo processo de construção. Sendo conquista de lutas de movimentos sociais há décadas, que são traduzidas e debatidas pelo Congresso Nacional e pelo Poder Executivo Federal (antes, elas já haviam sido "traduzidas" em legislações municipais e estaduais de teor semelhante), este texto é, na verdade, síntese e simplificação da ampla pauta das lutas daqueles que conquistaram a Lei. Com efeito, ao longo de

décadas as lutas educativas do Movimento Negro tiveram pautas muito mais abrangentes, mas a relação com o Estado e o processo legislativo resultaram neste texto (Santos, 2011, p. 11).

As leis somente existem porque alguém, em algum momento, tentou burlar situações e/ou contextos que envolviam os direitos de outras pessoas. Com a Lei nº 10.639/03 não foi diferente. Importante frisar que, se nas salas de aulas fosse natural tratar da história e da cultura afro-brasileira, com dignidade, resgate e significação, esta lei não precisaria existir. Se em nosso país não existisse o racismo estrutural, não haveria necessidade de combatê-lo com punições e legislações.

Ainda, manifesta-se Pires:

[...] o racismo estrutural e institucional construído pelo discurso ideológico da ciência, vivenciado na prática pelo estabelecimento de desigualdades raciais, construídas em nosso país, pela via social, econômica e política da invisibilização da população negra no projeto nacional, culminando no genocídio histórico vivenciado (Pires, 2022, p. 7).

Segundo o Atlas da Violência no Brasil/2017 do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a cada 100 pessoas que morrem no país, 71 representam jovens negros. O mesmo relatório indica que o negro possui 23,5% maiores chances de homicídio em relação a pessoas de outras raças/cores. As desigualdades socioespaciais provocam a violência letal à população negra, especialmente a juventude, no Brasil.

O projeto das Abayomis vem ao encontro dessa realidade, por isso, a luta é para que nossos alunos não se tornem “mais um” nessas estatísticas. Quem tem memória de sua origem luta por seus direitos e, de certa forma, empodera-se para mudar a situação. O projeto desenvolvido com a confecção da boneca Abayomi proporciona esta reflexão junto às crianças afro-brasileiras.

Ao analisar a lei, Santos faz uma relação entre a legislação e a escola:

O objetivo da Lei 10.639, segundo nossa interpretação, é reposicionar o negro e as relações raciais no mundo da educação. Este reposicionamento necessariamente articula temas, materiais, práticas pedagógicas, mas, também, a forma como a escola encara as relações raciais no seu cotidiano e a forma como isto se relaciona com os conteúdos trabalhados (Santos, 2011, p. 17).

É certo que existem políticas públicas, contudo, o olhar sobre elas é que precisa ser modificado. Sem dúvida, é preciso lutar contra estereótipos reducionistas que emergem de uma população racista. Por meio dessa boneca, mostra-se a forte

identidade dos negros em nosso país, pois ela retrata a história, a luta, a força deste povo. A boneca permitirá a fala e a escuta para fortalecer o papel do negro na sociedade brasileira.

Conforme SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial), o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino da Cultura e a História Afro-Brasileira e Africana tem como objetivo central colaborar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais. Neste caso, com o intuito de enfrentar e combater todas as formas de preconceito, de racismo e de discriminação, a fim de garantir o direito de aprender e a equidade educacional com vistas a promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste sentido, o projeto da Abayomi tem a intenção de fortalecer a base do educando para o enfrentamento de preconceitos na sociedade, situação que é muitas vezes cruel e discriminatória. Junto à prática da construção da boneca, desenvolvem-se objetos do conhecimento pautados na história e na cultura afro-brasileira. A proposta é resgatar a autoestima a partir dos objetos do conhecimento.

É muito comum falarem que o professor não desenvolve o tema em sala de aula por negligência, mas será que esse professor está preparado para isso?

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores, o necessário preparo para lidar com o desafio, com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (Munanga, 2005, p. 15).

Certamente, as crianças não nascem preconceituosas, pois elas aprendem com os adultos. Assim, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância são passadas de geração a geração. Por esse motivo, é essencial que elas conheçam sua própria história, saibam da importância da cultura afro em nossa sociedade e tudo que ela representa e representou, bem como a igualdade de direitos. Diante desse contexto, torna-se tão importante o papel da escola na desconstrução desses preconceitos, notadamente do racismo escancarado em nossa sociedade.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (Munanga, 2005, p. 16).

Sendo assim, é urgente desconstruir preconceitos desde o início da escolaridade. O ambiente escolar é formado por cidadãos capazes de transformar o meio no qual estão inseridos. É preciso que este espaço seja construído na base do respeito à diversidade. Para tanto, o professor deve estar preparado para abordar essa temática de forma consciente, lúdica e interdisciplinar, com vistas à formação de uma sociedade justa e igualitária.

Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os(as) estudantes. Fundamentar a prática escolar diária direcionando-a para uma educação antirracista é um caminho que se tem a percorrer (Brasil, 2006, p. 71).

Destaca-se que há mais ou menos três décadas, intensificou-se a busca de uma sociedade antirracista, por certo, houve avanços nessa empreitada, no entanto, em passos lentos, muito longe do ideal. Nos dias de hoje, ainda se vê pessoas morrendo em razão de seu tom de pele, ainda se vê pessoas sendo discriminadas por sua condição social. Lamentavelmente, uma situação naturalizada para a maioria da população negra. O embate com a sociedade racista é intenso, contínuo e dolorido.

A década de 1990 apresentou novas configurações políticas do ativismo negro e do posicionamento do governo brasileiro frente à discriminação racial e ao racismo. Em 20 de novembro de 1995, o Movimento Negro realizou a “Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, em Brasília. No início dos anos 2001, o Brasil participou da Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, na África do Sul e passou a ser signatário desta Declaração e do Programa de Ação. Ações concretas destinadas ao desenvolvimento de uma Política de Promoção da Igualdade Racial foram desenvolvidas, e destacamos, no ano de 2003, a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e, em 2004, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)¹⁰. Esta última objetivava contribuir com a mudança de perspectiva na política educacional, isto é, compatibilizar o conteúdo universal da Educação com o conteúdo particularista e diferencial de ações afirmativas

para grupos específicos. Por meio dela, deveria ser colocado no centro da política pública educativa, o valor da diferença e da diversidade, com seus conteúdos étnico-racial, geracional, de pessoas com deficiência, de gênero, de orientação sexual, regional, religioso, cultural e ambiental (Latoria; Nunes, p. 88 apud Rodrigues; Abramowicz, 2013, p. 25).

Muitas foram as lutas e muitas ainda virão até a conquista de direitos igualitários e de respeito à diversidade e às histórias de diferentes povos. Um exemplo de resistência é a própria escola em que esta pesquisa se passa. Nela (Figura 2), ao longo do ano letivo, são expostos cartazes alusivos à igualdade de direitos. No muro, em frente ao prédio (Figura 3), foi desenhado por uma aluna negra uma imagem que retrata a vontade de expressão, além do desenho, ela solicitou o respeito e o amor.

Figura 2 – Exposição de cartazes



Fonte: Autora (2023)

Figura 3 – Pintura no muro da escola



Fonte: Autora (2023)

Para concluir este capítulo, *A Importância e a Necessidade da Lei 10.639/03 Para a Garantia de Direitos*, tenho a dizer que há a necessidade de incorporação da filosofia que estrutura a lei, que extrapola práticas ou atividades cotidianas, para uma verdadeira educação antirracista. Não adianta trabalhar com base na lei sem estar sensibilizado da sua importância para a dignidade das pessoas. É crucial que se aplique a lei, no entanto, mais importante ainda é o modo como interpretamos essa legislação.

4 O LUGAR DAS CRIANÇAS E DA BONECA

Este capítulo aborda a localização da Escola Estadual de Ensino Fundamental Matias de Albuquerque, bem como a contextualização do seu entorno.

A Escola situa-se na Avenida Juca Batista, no 3450, Bairro Aberta Dos Morros, em Porto Alegre/RS (Figuras 4 e 5). Iniciou suas atividades em 1934 como Escola Isolada da Aberta dos Morros. Em 1940, passou a se chamar Grupo Escolar Matias de Albuquerque em homenagem ao Bicentenário (200 anos) da Colonização Portuguesa. A Figura 6 apresenta o mapa da localização da escola.

Figura 4 - Localização da Escola



Fonte: Autora (2023)⁸

Figura 5 - Localização ampliada da Escola

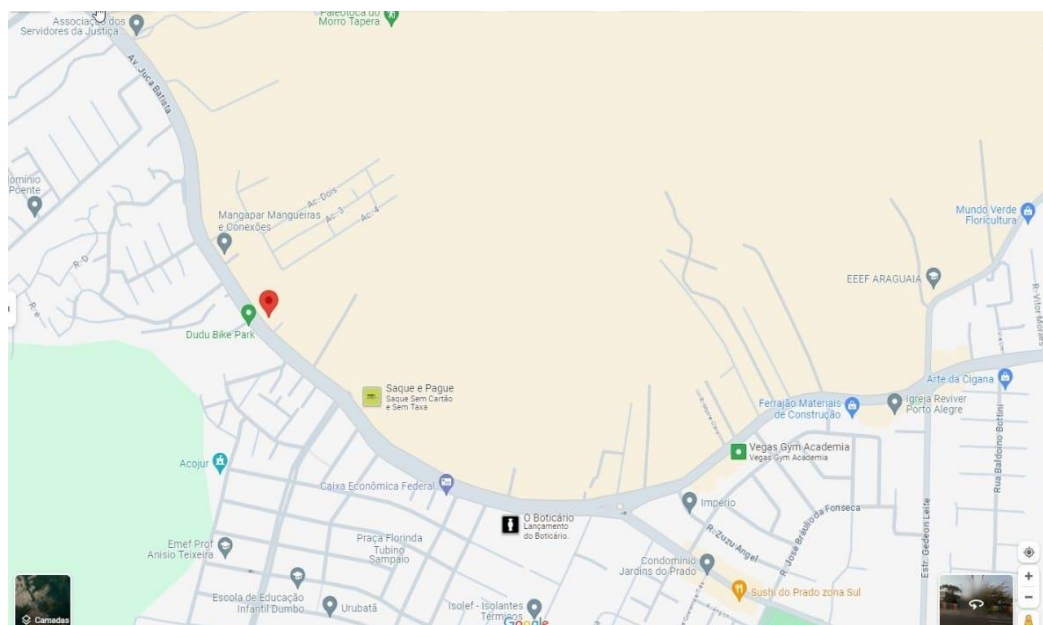


Fonte: Autora (2023)⁹

⁸ Disponível em: www.google.com.br/maps. Acesso em: 15 fev. 2024.

⁹ Idem.

Figura 6 – Mapa da localização



Fonte: Autora (2023)¹⁰

Nos fundos da escola Matias de Albuquerque, separados apenas por um muro (Figuras 7 e 8), há uma APP (área de preservação ambiental), conhecida como Morro da Tapera (Tapera: taba = aldeia + puera = o que foi; tapera = rancho velho e abandonado).

Figura 7 – Escola Lugar de preservar - Morro da Tapera



Fonte: Autora (2023)

¹⁰ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Av.Juca+Batista>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Figura 8 – Comunidade do Morro da Tapera (Bola 10)



Fonte: Autora (2023)

Sua altitude é de 252 metros, está a doze quilômetros do centro da cidade e a cinco quilômetros da praia de Ipanema, na zona Sul. Por se tratar de uma reserva biológica preservada, a estrada de acesso vai somente até a metade do morro.

Inicialmente, a escola funcionava no prédio em frente, do outro lado da avenida, em 1941, foi inaugurado o prédio principal de alvenaria que funciona até hoje. Por 32 anos esta escola foi a única opção de ensino público no Bairro Restinga. A instituição ao longo dos anos passou por várias reformas prediais, além da construção de mais duas salas, dois banheiros e uma cozinha em um prédio na parte dos fundos. Atualmente, a instituição conta com quatro salas de aula, biblioteca, sala audiovisual, laboratório de informática, sala de direção, da vice-direção e orientação educacional, almoxarifado, banheiro dos profissionais e uma dispensa.

Todos os espaços são aproveitados, como o cantinho da leitura; lugar para meditação (cantinho Zen); hortas do tipo convencional, autoirrigáveis, em garrafas pet, canos de pvc e nos mais diversos recipientes, todos confeccionados pelas crianças e pelos profissionais; pracinha e composteira; tudo isso muito colorido (Figura 9). A escola apresenta-se em bom estado estrutural, conservando a identidade e promovendo mudanças para acompanhar a sociedade.

Figura 9 – Pátio da escola



Fonte: Autora (2023)

Trata-se de uma escola estadual, subordinada da 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação), tendo como recursos humanos: uma diretora, que ocupa concomitantemente o cargo de supervisora, estando em seu terceiro mandato como diretora; sete professores de anos iniciais, sendo que uma também atua como vice-diretora, substituta legal, em um dos turnos; uma orientadora educacional; e quatro funcionários, sendo dois de manutenção e infraestrutura e duas merendeiras.

O PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola apresenta informações importantes como:

A instituição tem matriculado 200 alunos, sendo em média 80% deles oriundos do Beco do Adelar e do chamado Bola 10 (ocupações irregulares), no morro da Tapera, de grande vulnerabilidade social, e dos demais bairros próximos. Atende o Ensino Fundamental, Anos Iniciais completo. O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola prevê uma metodologia que objetiva incentivar alunos a dar continuidade em seus estudos, preparando-os para as mudanças que acontecem após os anos iniciais, pois eles saem da orientação de uma professora para seis professores, em média. Conforme o PPP (Escola, 2016, p. 15).

Outras informações sobre a filosofia da escola estão presentes no PPP como:

O aluno, centro do planejamento curricular, será considerado como sujeito que atribui sentidos à natureza e à sociedade nas práticas sociais que vivencia, produzindo cultura e construindo sua identidade pessoal e social. Os professores levarão em conta a diversidade sociocultural da população escolar, as desigualdades de acesso ao consumo de bens culturais e a multiplicidade de estratégias variadas que melhor respondam às diferenças de aprendizagem entre os estudantes e às suas demandas. A organização do trabalho pedagógico incluirá a mobilidade e a flexibilização dos tempos e

espaços escolares, a diversidade nos agrupamentos de alunos, as diversas linguagens artísticas, adversidades materiais, os variados suportes literários, as atividades que mobilizem o raciocínio, as atitudes investigativas, as abordagens complementares e as atividades de reforço, a articulação entre a escola comunidade, o acesso ao espaço de expressão cultural. Ainda, objetiva o desenvolvimento de habilidades e competências intelectuais, éticas, estéticas, necessárias à formação do cidadão apto a interagir na sociedade sendo capaz de intervir construtivamente na realidade socioeconômica-cultural. Também, leva em conta a complexificação progressiva dos conhecimentos e os diferentes níveis de desenvolvimento do aluno no percurso do Ensino Fundamental, ao estabelecer os eixos de aprendizagem (Escola, 2016, p. 15 e 16).

De acordo com os documentos presentes na escola, observa-se que os objetivos que orientam a formação dos estudantes estão pautados no desenvolvimento das habilidades comunicativas básicas de expressão oral e escrita e do raciocínio lógico. Ainda, da reflexão crítica à compreensão do lugar no qual está inserido: ambiente natural e social, do sistema político, da economia, das tecnologias, das artes, da cultura dos direitos humanos e dos valores que fundamentam a sociedade.

Percebe-se que em seus documentos há a preocupação com o conhecimento dos estudantes e do lugar deles. Os valores estão pautados no respeito aos direitos humanos e ao coletivo.

Conforme dados do Ministério da Educação - MEC, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB da escola vinha em ritmo crescente antes da pandemia, assim, apresentando os seguintes dados (a nota demonstra o rendimento dos estudantes, resultado de avaliações externas): 2015 - 4,9; 2017 - 5,00; 2019 - 5,3; 2021- 5,6. Não foram ainda divulgados os dados de 2022 e 2023.

A escola conta com um grande engajamento dos profissionais e da comunidade escolar, desse modo, no início do ano letivo de 2021, um projeto denominado *Acelera Matias* vem contribuindo para sanar os déficits de aprendizagens, alfabetizando na idade certa. Ao introduzir as Abayomis nas atividades educacionais, a escola tem a oportunidade de destacar a diversidade étnica e cultural, fornecendo às crianças uma representação mais inclusiva em seu ambiente de aprendizado.

Para concluir este capítulo, quero deixar a minha impressão sobre a escola, que é, incontestavelmente, um lugar significativo para mim. A escola me permite criar e crescer, ela é a continuidade da minha história de vida, ela também me constrói e me faz bem. Foi na escola que, na minha infância e juventude, eu arranquei forças

para a vida e é na escola que eu continuo me construindo na ideia de ser sempre inacabada. Acredito na escola, acredito na vida.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve cunho qualitativo, tendo como embasamento o método (auto)biográfico, com o dispositivo de narrativas em grupos, aproximando-se de uma seção de grupos focais. Justifica-se o *auto* pelo fato de poder ser utilizada a biografia de outro ou a própria biografia.

Segundo Costella e Menezes:

O método (auto)biográfico se apresenta como uma alternativa que se contrapõe ao paradigma científico predominante, o qual pauta-se na racionalidade técnica. A ciência moderna assenta-se na fragmentação e na especialização do conhecimento, nas dicotomias sociedade-natureza, teoria-prática, indivíduo-sociedade, particular-geral, entre outras. O método (auto)biográfico, por sua vez, visa restaurar estas compartimentações no sentido de articulá-las. Logo, trata-se de uma outra racionalidade que se funda em outra epistemologia, as quais se distinguem das hegemônicas (Costella; Menezes, 2021, p. 4).

Este método permitiu uma investigação mais rica e empática, proporcionando uma percepção valiosa sobre as complexas interações entre as vivências individuais e o contexto de vida. Centrou-se na palavra/fala e na análise de narrativas pessoais dos participantes, sendo, neste trabalho, alunos e professores, que compartilharam suas experiências dentro e fora dos muros da escola por meio das bonecas Abayomis. Desse modo, permitindo uma compreensão mais profunda de perspectivas, de significados e de contextos culturais subjacentes aos temas de estudo. Essa abordagem enfatizou a subjetividade e a reflexividade, promovendo uma compreensão rica e contextualizada dos fenômenos investigados.

Ainda, realizou-se revisão de literatura com base nos autores Abrahão (2003), Delory-Momberger (2011) e Josso, Marie-Christine (2020). Acerca do ensino e aprendizagem, destaque Costella (2015; 2019; 2021; 2022), Freire (1996), entre outros autores que auxiliaram no diálogo para a construção desta pesquisa.

A pesquisa foi inspirada na história romantizada de mulheres africanas que, durante o período da escravização, criavam essas bonecas como uma forma de manter viva a conexão com suas raízes e de resistir à adversidade. A ludicidade é habilmente incorporada no processo, transformando a confecção das bonecas em uma atividade educativa e criativa. Esta abordagem lúdica não apenas preservou a herança cultural, mas também serviu como uma maneira eficaz de abordar a

discriminação racial, promovendo a consciência e a valorização da diversidade através do ato de criar e de compartilhar essas representações significativas.

Após a confecção das Abayomis, a prática envolveu a promoção de rodas de conversa, em que os participantes compartilharam suas experiências, narrativas e reflexões relacionadas à criação das bonecas. Esses momentos foram fundamentais para fortalecer os laços e proporcionar um espaço de discussão e expressão cultural.

Essas rodas de conversa foram importantes como preparação para entrevistas estruturadas realizadas posteriormente como parte do projeto. As entrevistas buscaram aprofundar as histórias pessoais dos participantes, explorando suas conexões emocionais com as Abayomis e as implicações culturais e sociais associadas. O produto, neste caso, um livro, foi então uma compilação dessas histórias, proporcionando uma narrativa coletiva que celebra a diversidade, preserva tradições culturais e contribui para uma compreensão mais profunda das experiências individuais e coletivas dos participantes.

Ao mesmo tempo, nos momentos das rodas de conversa, após a confecção das Abayomis, tivemos um espaço significativo para os alunos expressarem suas emoções e reflexões sobre a experiência. Com a possibilidade de descrever o processo de criação das bonecas, os estudantes compartilharam sentimentos de conexão com o respeito e um profundo senso de realização, pois viram suas criações ganhando vida.

Esse momento foi crucial para fortalecer os laços entre os participantes, destacando a importância não apenas da atividade artística, mas também do diálogo aberto e da valorização das diversas perspectivas culturais presentes na sala de aula. A confecção das Abayomis transcende a arte em si, tornando-se uma experiência educativa enriquecedora, promovendo entendimento, respeito e sensibilidade cultural entre os alunos. As experiências foram descritas e analisadas com base nas entrevistas semiestruturadas com pessoas que participaram do trabalho e modificaram a sua forma de pensar e de agir em virtude desta prática.

As narrativas como dispositivo metodológico permitiram que as crianças se manifestassem sem o uso de perguntas diretas, que pudessem inibir suas falas ou direcionar o pensamento. Conforme Abrahão (2003, p. 85), “Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador”. Não se buscou coletar falas individualizadas

como material de análise, mas, sim, as falas entrecruzadas e contagiantes manifestadas pelas crianças. Ao ouvir as crianças, memórias foram criadas, tanto para mim como para cada uma delas e para seus familiares, certamente.

Ao optar por ouvir as crianças, lembramos de Delory-Momberger (2011), quando ela discute sobre os cursos naturais da vida. Estas crianças, ao construir a boneca, cheia de histórias e sentimentos, tiveram o curso de suas vidas alterados. Percebe-se com nitidez que as histórias delas estavam sacramentadas e naturalizadas pela indiferença, exclusão e racismo, contudo, foram se empoderando ao projetar tão forte e significativamente as suas origens. A forma como ouviram umas às outras, a forma como se manifestaram, evidenciou a condução para outra maneira de pensar.

Assim, tanto Abraão quanto Delory-Momberger mostram - nestes e em tantos outros escritos - que as narrativas nos transmitem elementos importantes para serem compreendidos. E isso ocorre na elaboração das memórias, a partir de eixos orientadores, no caso, a construção e a projeção das bonecas, e na mudança de si, do seu curso de vida, tornando-se mais forte e acreditando no valor de sua história. Dessa forma, por esta metodologia, resolvemos ouvir atentamente as crianças acerca dessa crença no valor da história e da vida.

Para que fique compreensível a forma como foi realizada a pesquisa, vamos esboçar todos os passos realizados:

1. Houve o resgate do trabalho com a Abayomis de outras escolas e situações, bem como em outros anos, a partir da necessidade de refletir teoricamente sobre este projeto. O projeto já existia, então, foi resgatado, teorizado e reproduzido na escola em que a pesquisa se realizou;
2. Realizamos, na sequência, o levantamento bibliográfico sobre o assunto da pesquisa;
3. Toda a escola foi envolvida para realizar o projeto: assistiram aos vídeos, ouviram histórias e confeccionaram a boneca. Toda a escola confeccionou, mas apenas uma turma foi escolhida para participar das narrativas. A escolha deu-se pelo tempo de participação do projeto em anos anteriores e pela disponibilidade da professora em participar;
4. No ano de 2022, a turma do terceiro ano, que vivenciou o projeto desde o seu primeiro ano de escola, foi selecionada para participar da pesquisa;

5. Realizou-se um levantamento da participação desta turma em eventos, confecções de trabalho e rodas de conversas;
6. No ano de 2023, criou-se um grupo focal e deste grupo foram selecionados três participantes, os quais realizaram as narrativas;
7. Além das crianças, foram convidadas a participar do projeto duas professoras, tendo como critério o maior tempo de lotação na instituição;
8. Durante o processo e, principalmente, a partir das narrativas, confeccionou-se um livro infantil sobre o assunto.

Voltando aos objetivos propostos, realizamos os procedimentos da pesquisa. O objetivo geral, além de suscitar uma reflexão acerca da importância do trabalho intencional lúdico com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, confeccionando a boneca juntamente com as crianças, na intenção de despertar a consciência sobre a importância cultural do antirracismo, também possibilitou fazer um engajamento com as áreas de Geografia, Artes, Linguagens e a História. Também como produto, tem-se a escrita de um material lúdico para ser utilizado pelas professoras na compreensão da Lei nº 10639/03.

Em relação aos objetivos específicos, que ecoaram da proposta, a metodologia colaborou para que fossem alcançados.

Para desenvolver estratégias pedagógicas que integrem as bonecas Abayomis com a aprendizagem/educação, foram realizadas a confecção da boneca, do livro e a relação destes materiais com a legislação. O diferencial está sobretudo na forma como as bonecas foram confeccionadas e refletidas.

Para fomentar a interdisciplinaridade entre diferentes disciplinas, como História, Literatura e Educação Artística, por meio da exploração das narrativas das crianças e das bonecas Abayomis, foram explorados esses componentes curriculares tanto nas narrativas quanto nas habilidades desenvolvidas na confecção das bonecas, bem como a reflexão sobre esta confecção.

A avaliação do impacto das práticas pedagógicas propostas na percepção das crianças em relação à Lei nº 10639, buscando identificar avanços na compreensão e respeito pela diversidade cultural e étnica, foi possível por meio do incentivo à expressão e à autenticidade das crianças ao utilizar o método autobiográfico. Para isso, propusemos reflexões sobre a importância desta legislação para construção da cidadania.

A criação do livro infantil, ampliando as perspectivas de aprendizado, só foi possível a partir da escuta das crianças e do processo de elaboração do livro, utilizando as narrativas e os elementos do livro infantil como dispositivos para ensinar por meio da Geografia, juntamente com as crianças, de maneira mais envolvente e contextualizada. O livro foi escrito pelas palavras das crianças e houve a transformação das palavras em imagens e literatura.

6 DANDO VIDA À BONECA

Quem são as bonecas Abayomis? São bonecas confeccionadas com tecido preto, feitas sem costura, sem cola, sem olhos, com nós, em formato humano (Figuras 10 e 11). Este Modelo foi criado no final da década 80, por uma artesã maranhense chamada Lena Martins, uma filósofa e ativista que transformou a boneca em um importante símbolo de resistência negra, no intuito de despertar o sagrado feminino.

As bonecas Abayomis, como dispositivo pedagógico, permitem abordar a representatividade e a resistência dos descendentes de povos escravizados.

Figura 10 – Processo de Confeção das Bonecas



Fonte: Autora (2023)

Figura 11 – Bonecas confeccionadas



Fonte: Autora (2023)

Assim, configuram um objeto significativo para a história e para a cultura destes povos, comotambém possibilitam o poder de ser agente transformador entre os alunos, em consonância com a Lei nº 10.639/03.

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente (Lopes, 2005, p. 189).

Se a escola está na sociedade e se a sociedade compreende um conjunto de ações racistas e preconceituosas, deve-se partir da escola para transformar a sociedade. Não podemos permitir que egressos das escolas básicas promovam o preconceito e não convivam com as diferenças.

No ano de 2016, quando fui designada para assumir o cargo de diretora da E.E.E.F. Matias de Albuquerque, durante uma reunião pedagógica, apresentei as bonecas Abayomis aos professores e à supervisão.

O projeto já estava sendo desenvolvido desde o ano de 2012 em escolas públicas que apresentavam características de grande vulnerabilidade social. Assim, ao refletir sobre a ausência de discussões em relação às raízes históricas dos estudantes, fui motivada pela necessidade, pela urgência, a abordar a Lei nº 10639/03, a qual deveria fazer parte das matrizes curriculares desde o início do ano letivo.

Meu primeiro contato com a história das bonecas ocorreu em 2012, em uma escola municipal do bairro Restinga, em Porto Alegre-RS.

Após um longo debate, os estudos sobre a legislação foram inseridos junto à comunidade escolar. Até então, esta lei somente ganhava ênfase na Semana da Consciência Negra, contudo, a proposta é que fosse efetiva ao longo do ano letivo. Isso, porque esperamos que o professor sempre enxergue além das propostas, pois ele deve prestar atenção nas invisibilidades.

O professor é responsável por todas estas manifestações que fluem do ausente, ele é o pensante, aquele que enxerga além do que está visível. O professor carrega em seu universo experienciado a condição de ensinar a aprender, de ensinar a ver e enxergar, de ensinar a compreender o que não está posto (Costella, 2021, p.180).

De acordo com Costella, cabe ao professor fazer valer o que está distante, partir de planejamentos reflexivos, tendo como começo o próprio estudante. Ainda, trazendo lugares ausentes, fatos ausentes e percepções ausentes para discussões no cotidiano escolar.

O projeto da confecção da Boneca Abayomis almeja transformar o olhar dos estudantes sobre eles próprios e sobre a relação com o outro. É um trabalho essencial em escolas de extrema vulnerabilidade social, lugares nos quais as desigualdades em relação ao mundo exterior são grandes e ocasionam a repressão e a exclusão.

A convivência social entre os estudantes em escolas periféricas e vulneráveis, tal como esta em que realizamos a pesquisa, é extremamente difícil, comumente, é caracterizada por ofensas verbais, sobretudo no que se refere à cor de pele. Não é raro ouvirmos apelidos como cabelo de Bombril, queimadinho, cabelo ruim, carvão, dentre muitos outros, o que contribui ainda mais para ferir a autoestima de muitos. Para estas crianças, não é raro a violência doméstica e a violência nas ruas.

No primeiro ano, não foi fácil a abordagem do tema, era comum ouvir dos alunos muitos comentários depreciativos, tais como “continuamos escravos”, “sou negro e pobre”. Em muitos casos, isso incitava os demais a se manifestarem, também, de forma rude, sobre a discriminação diária que sofriam. Em uma ocasião, um estudante salientou que tinha vergonha de sua cor, bem como sobre a falta de um futuro promissor, foi triste ver o olhar e suas reações durante os comentários, pois demonstrava claramente o sofrimento.

Segundo Costella (2021), os tempos e espaços de um professor se misturam com os tempos e espaços de seus alunos, assim, suas ações e reflexões são resultados deste conjunto de misturas no decorrer de suas vidas. O conjunto de tempos que delineiam o espaço representa a construção da voz ou do estado de mudez de quem se constitui professor ou aluno.

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados (Munanga, 2005, p. 17).

A confecção da boneca foi pensada, principalmente, para a mudança de mentalidade, extrapolando a legislação. Antes da confecção das Abayomis, explanou-

se sobre o significado do nome boneca: *o encontro como precioso na língua iorubá abay = encontro e omi = precioso (aquele que traz felicidade ou alegria).*

Também, enfatizou-se a diáspora africana, além do questionamento sobre o amor de uma mãe por seus filhos e, ainda, o que significa respeito para eles. Ao término, houve a troca da boneca com o colega, além disso, quem quisesse, poderia falar, ou mesmo se manifestar de alguma forma. Nas turmas em que se realizou a atividade, acabei sendo agraciada com uma boneca Abayomi, pois “Tudo de bom que tem em mim dou a você”. Ao presentear a alguém com Abayomi, profere-se essa frase. Foram Momentos Mágicos, inesquecíveis, o que me impulsionou ao longo dos anos a continuar com o projeto Abayomi até os dias de hoje.

Na ocasião da realização do projeto na escola pesquisada, não demorou muito para os problemas surgirem, um grupo de pais se reuniu e foi até a escola. Praticamente, invadiram a sala em que trabalho, extremamente irritados, alguns gritando, e tudo isso por falta de conhecimento, por intolerância religiosa de alguns, visto que fui acusada de estar estimulando os alunos na confecção de “Bonequinha de Vodú”. Chamaram-me de feiticeira. Indignados, comunicaram que iriam me denunciar.

Não foi fácil esclarecer, comecei explicando para o grupo sobre a importância da Lei nº 10639/03, além de outros aspectos que o projeto das Abayomis abrangia, depois dessa conversa, alguns já se dispuseram a confeccionar. Salienta-se, assim, a importância de difundir a cultura afro.

Diante daquela cena, lembrei-me de Paulo Freire:

Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou filosóficas para explicar superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (Freire, 1996, p. 67).

Lembro-me, também, de que, em maio do ano de 2016, no desenvolvimento do projeto, houve uma mostra cultural com resíduos sólidos para o evento e as famílias foram convidadas. Dentre as atividades, houve uma palestra sobre a Lei nº 10639/03 e sobre os impactos das indústrias têxteis ao meio ambiente. A escola havia feito parceria com uma confecção do bairro Restinga com vistas a arrecadar os retalhos para as oficinas de confecção das Abayomis. Compareceram ao evento um

representante da 1ª Coordenadoria de Educação, ONG parceiros Voluntários e um representante da SEDUC-RS, juntamente com familiares da comunidade.

No mesmo ano, a escola participou da Semana Nacional de Educação Financeira, assim, os estudantes construíram com suas famílias bonecas Abayomi para venda com o custo de um real. O dinheiro arrecadado tinha por finalidade levantar verbas para levar os alunos ao zoológico.

Nesse ano, fomos convidados para a mostra no Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF) e fomos também à Secretaria de Educação (Figuras 12 e 13).

Figura 12 – Oficina Escolar no CAFF



Fonte: Autora (2016)

Figura 13 – Professora e alunos SEDUC(RS)



Fonte: Autora (2016)

Em 2017, as Abayomis já se tornaram parte do projeto da escola (Figuras 14 e 15), trazendo a cultura antirracismo ao longo do ano letivo, envolvendo, desse modo, as famílias e todos os profissionais da comunidade escolar. A Lei nº 10639/03 não se restringiu a ser tratada somente dentro da escola, visto que houve participação em eventos junto à Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE) e à ONG Parceiros Voluntários, sempre tendo como protagonista o estudante.

Destaca-se que a participação das famílias foi fundamental para o crescimento do projeto, todo o auxílio na confecção foi crucial.

Figura 14 – Realização do projeto



Fonte: Autora (2017)

Figura 15 – Projeto em andamento



Fonte: Autora (2017)

Em 2018, na Feira de Direitos Humanos, um evento organizado pela Comissão de Direitos Humanos da Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul¹¹, realizado no Teatro da OSPA, Avenida Borges de Medeiros, 1501, foi apresentado o projeto Abayomi. Nessa ocasião, a nossa escola foi a única a participar com alunos do Ensino Fundamental. Foram levados 40 alunos e 8 profissionais, o trabalho teve como tema: *Uma Reflexão Interdisciplinar: Diversidade Sob Um Olhar Lúdico Na Desconstrução De Preconceitos E Na Diversidade*.

O espanto e a admiração dos presentes pelos trabalhos dos profissionais e dos alunos eram evidentes, crianças tão pequenas dominando o assunto com propriedade. E a palavra de ordem era respeito às diferenças e igualdade de direitos (Figuras 16).

Figura 16 - I Feira de Direitos Humanos PGE RS



¹¹ Procuradoria-Geral do Estado do RS. Imagens disponíveis também em: <https://www.pge.rs.gov.br/feira-de-direitos-humanos-da-cdh-reune-estudantes-na-fundacao-ospa>.

Fonte: Autora (2018)

Em 2019, as Abayomis também tiveram seu protagonismo, no mês de abril, foram confeccionadas 324 bonecas pelos alunos juntamente com suas famílias, que se transformaram em chaveiros. Desse modo, foram vendidos para aquisição de sacolinhas de leitura, as quais fazem parte do projeto de incentivo à leitura (Figura 17).

Figura 17 – Projeto incentivo à leitura



Fonte: Autora (2019)

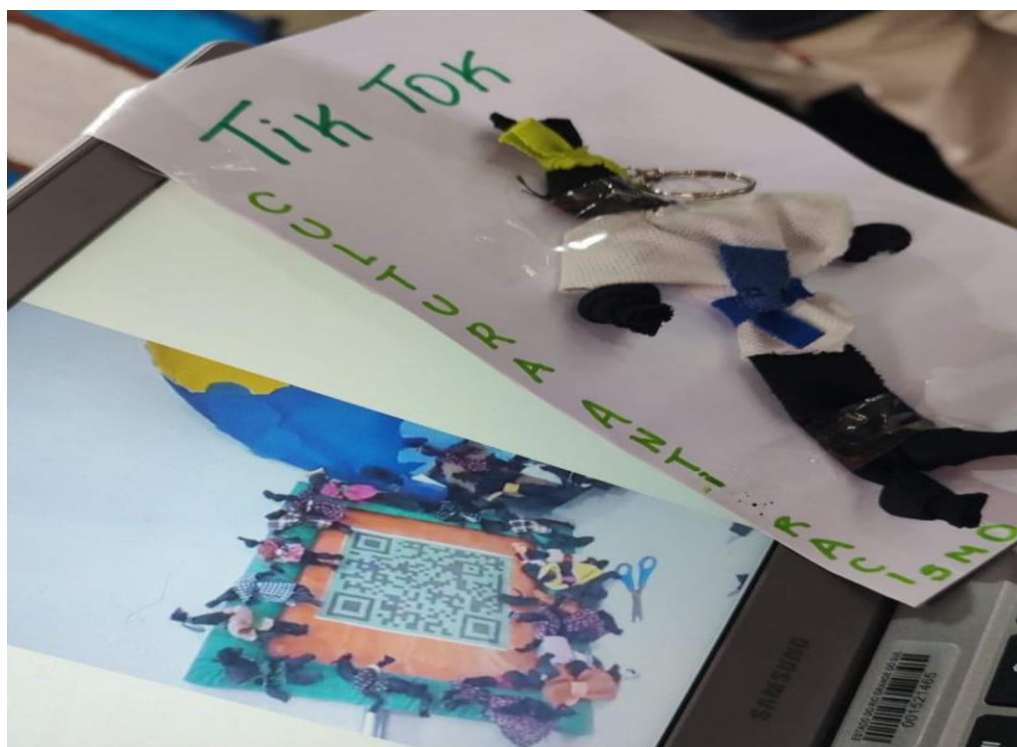
A escola participou da II Feira de Direitos Humanos, que ocorreu em 2019, novamente, a única escola de Ensino Fundamental, Anos Iniciais, com mais de 300 pessoas presentes no evento. Nossos estudantes representaram as histórias das Abayomis com encenação teatral que emocionou o público, fomos muito aplaudidos. Foram confeccionadas lembrancinhas para o evento, que foram distribuídas após a apresentação (Figuras 18 e 19).

Figura 18 - II Feira de direitos Humanos PGE RS



Fonte: Autora (2019)

Figura 19 – Bonecas Abayomis



Fonte: Autora (2019)

Na sequência, participamos, no mesmo ano, de mais dois eventos, no Largo Glênio Peres (Figuras 20 e 21), do evento dos Parceiros Voluntários e de outro no Fórum Tribal Metropolitano, no espaço verde do Sesc, localizado na Avenida Protásio Alves, 6220.

Figura 20 - Evento dos Parceiros Voluntários - SESC Fórum Tribal 1



Fonte: Autora (2019)

Figura 21 - Fórum Tribal Metropolitano - SESC Fórum Tribal 2



Fonte: Autora (2019)

Durante a pandemia da COVID/2019, com os alunos em aula no formato híbrido, os projetos tiveram continuidade. Foi decidido pelo corpo docente que iriam participar da III Feira de Direitos Humanos, no formato on-line. As professoras orientaram os estudantes e as suas famílias acerca das regras para que fosse possível a participação das crianças no evento.

Os alunos desenharam e explicaram às famílias o conteúdo do projeto. Após, foram enviados para a comissão de Direitos Humanos da PGE e selecionados pelos organizadores para posteriormente serem publicados em um e-book.

Em 2021, devido aos protocolos de segurança contra a COVID-2019, a contação da história das Abayomis ocorreu de forma on-line, por meio da plataforma Classroom, e a confecção das bonecas ficou por conta das famílias, em suas casas. Em 2022, no dia 20 de outubro, houve o lançamento do e-book, em que a Comissão de Direitos Humanos da Procuradoria Geral do Estado apreciou vários trabalhos publicados dos alunos, sendo que três páginas abarcavam as Abayomis, neste caso, as páginas 188, 189 e 190 (Figuras 22 e 23).

Figura 22 - Feira Direitos Humanos (PGE)



Fonte: PGERS (2021)

Figura 23 - Feira Direitos Humanos (PGE)



Contextualização da família

Em relação ao desenho, segue a descrição do Richard

- 1- Representa os escravos nos navios negreiros.
- 2- Menina chorando vendo o sofrimento do adulto, no caso seus pais.
- 3- Representam a figura da boneca de pano Abayomi dada às crianças.

Fonte: PGERS (2021)

No ano de 2022, a escola foi convidada também para organizar a parte interna do estande da Secretaria de Educação do Estado, na Feira do Livro de Porto Alegre. O projeto da Abayomi foi um dos destaques da escola. E o objetivo foi valorizar a cultura afrodescendente e favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas. Assim, foram confeccionadas por alunos, profissionais da escola e comunidade escolar mais 660 bonecas, que foram distribuídas no estande da SEDUC-RS. Nessa ocasião, as bonecas foram distribuídas para os visitantes, que recebiam a explicação de seu significado. Além disso, a mídia divulgou o trabalho deles, o que impulsionou a socialização da ideia (Figura 24).

Figura 24 – Distribuição das bonecas Abayomis



Fonte: Autora (2022)

Foram organizados dois quadros com leitor *QR Code*, que tinha por objetivo levar os visitantes a descobrir o que havia por trás daquele código. Neste caso, contava a história das Abayomis, bem como falava sobre a importância da Lei nº 10.639/03, assim, os visitantes se sentiram instigados (Figura 25).

Figura 25 – Código QR



Fonte: Autora (2022)

Também, estavam dispostos cartazes demonstrando como construir a boneca (Figura 26).

Figura 26 – Stand da SEDUC(RS)



Fonte: Autora (2022)

No lugar de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmam-se instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e

porque a continuidade é criadora da comunhão, a política de territorialização, como confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo do qual vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através das ações comunicativas, pelas mais diversas manifestações de espontaneidade da criatividade (Santos, 1999, p. 258).

As Abayomis apresentam aos alunos a história e, ao mesmo tempo, mostram que a individualidade é comum. O significado do nome da boneca é “precioso”, assim, quando questionados sobre o que essa palavra significa, sempre surgem mil definições, mas, neste caso, refere-se a respeito, à igualdade de direitos, à socialização, ao espaço que ocupa, ao espaço que o outro ocupa e, claro, ao espaço que nós ocupamos juntos, pois vivemos em sociedade.

No ano de 2022, a história das Abayomis também foi socializada no Encontro Nacional de Ensino de Geografia (ENPEG) com o título *Transformando História pela própria Abayomi: uma experiência na escola* (Apêndice A).

Em 2023, o Projeto das Abayomis participou de um evento da SEDUC (RS), o qual abordou duas temáticas: a cultura antirracismo e a tecnologia. A professora fez um projeto muito criativo utilizando uma plataforma popular chamada de TikTok, visto que os alunos têm expertise nessa ferramenta, então, foi uma maneira envolvente de promover conscientização. Os vídeos sobre as Abayomis foram feitos pelos alunos, todos participaram de alguma forma e 8 estudantes foram representantes da escola. Nesse trabalho, demonstrou-se domínio do tema, o que encantou os presentes. Nessa ocasião, entregaram aos presentes 235 Abayomis.

Para finalizar, no ano de 2023, as Abayomis também estavam no Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)¹². Este encontro gerou publicação sobre o tema: *Abayomis Transformando a História pela Própria História: Uma Experiência na Escola* (Apêndice B).

Neste capítulo, intencionou-se demonstrar a trajetória desta boneca, por onde passou e o que a sua passagem produziu. Hoje (outono de 2024), ela está nesta dissertação dando vida a um sonho: o meu sonho de mostrá-la para o mundo, o meu sonho de fazer um mestrado. A Abayomi me constituiu e ditou quem eu sou.

¹² Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE ocorreu entre os dias 09 e 13 de outubro de 2023, na UFT (Universidade Federal do Tocantins), na cidade de Palmas TO.

7 A ESCUTA DE QUEM VIVENCIOU

As narrativas apresentadas neste capítulo se referem a momentos do grupo focal com os estudantes, especificamente, a narrativa individual com três crianças e as narrativas de duas professoras.

Os nomes das crianças e das professoras foram substituídos por nomes fantasias para garantir o sigilo. Os trâmites éticos foram respeitados, tanto com a autorização dos pais, para a participação dos filhos, quanto com as próprias crianças, que tinham ciência, em diferentes momentos, de que estavam participando de uma pesquisa.

A partir das narrativas das professoras, ficou visível o envolvimento delas com o trabalho e a influência que esta atividade proporcionou em suas trajetórias de vida. Com as crianças não foi diferente, muito entusiasmo e um certo orgulho de conhecer a história das Abayomis e querer expressar a importância do respeito com o coletivo. Na sequência, vamos explorar as narrativas a partir de fragmentos de falas e de textos com as impressões que tivemos.

O nome das professoras não será revelado, por questões éticas, desta forma, serão denominadas de: Professora Vitória, pois representa uma vitoriosa em sua trajetória, e Professora Fortaleza, pois esta, apesar das adversidades, luta todos os dias por seus alunos.

Quadro 1 – Perfil das professoras

Nome	Raça	Idade	Tempo de docência	Instituição	Ano da formação acadêmica	Carga horária semanal
Vitória	Negra	64	34 anos	UFRGS	1984	20h
Fortaleza	Branca	51	27 anos	UNIRITTER	1991	20h

Fonte: Autora (2024)

As três crianças que narraram os seus sentimentos sobre o trabalho denominamos de Flor de Lótus, Dandara e Zumbi.

O grupo focal e as narrativas foram realizadas no mês de setembro de 2023. A duração aproximada do grupo focal e das narrativas das professoras foi de duas horas. Já em relação às crianças, o tempo de envolvimento com as narrativas foi de aproximadamente de trinta minutos.

7.1 A palavra das professoras

7.1.1 Professora Vitória

A Vitória trabalha na escola Matias de Albuquerque há 26 anos. É negra, filha de pais negros. Vem de uma família grande, composta por pai, mãe e mais sete irmãos. Quando criança, junto aos irmãos, teve uma infância boa. O pai trabalhava muito, com muito esforço para criar e educar os filhos. Na infância, morou no interior do município de Camaquã.

Ela tem lembranças de sua escola e da vontade que tinha de estudar:

Meus irmãos e eu estudávamos numa escola pequena, municipal, que tinha apenas uma professora e ela era uma professora para todas as séries, naquele tempo, era série, numa mesma sala de aula. E no auge dos meus seis anos de idade, eu queria muito estudar, antes só minhas irmãs estudavam, queria muito acompanhá-los. E, muitas vezes, depois que entrei para a escola, no caminho, a gente era abordada por um grupo de meninos brancos, que, de forma gratuita, eles nos ameaçavam, nos agrediam, e a gente como criança não conseguia entender o porquê, e aquilo todos os dias acontecia. Chegou um tempo que nós não queríamos mais ir para a escola, a gente ficava com medo, tudo aquilo que a gente já estava passando (Vitória).

Nesse momento, Vitória aborda o preconceito que viveu enquanto criança. Hoje, com serenidade, sua vontade de evitar que seus alunos passem pelo que passou está visivelmente ligada à sua história de vida. Ela ressignificou seu passado com as Abayomis, reforçou sua identidade enquanto professora e enquanto uma mulher negra.

Sem saber responder ou o que fazer em relação àqueles meninos, receosamente, quase desistiu da escola junto com os irmãos. No entanto, com o passar do tempo, foi se dando conta de que se tratava de discriminação e de que este tema nunca havia sido trabalhado em sua escola.

A gente não estudava na escola sobre discriminação racial, sobre racismo, isso não existia. Mas a gente foi se dando conta de que aquela agressividade, aquela agressão daqueles meninos brancos era por causa da cor da nossa pele, sem que ninguém nos tivesse dito. E aí foram alguns anos de sofrimento para nós, para mim, para meus irmãos. Quando eu completei 10 anos, o pai comprou um terreno lá na cidade de Camaquã e resolveu nos levar para lá, porque ele estava com a vista do nosso futuro, de mais estudos, outras escolas e outras coisas que a gente pudesse aprender. Então fomos morar em Camaquã (Vitória).

Ao mudar-se para Camaquã, na zona urbana, mesmo na escola nova, com mais professores e alunos, o racismo continuou, assim, Vitória e seus irmãos foram silenciados pelo medo. Era uma escola municipal, em seu interior, os irmãos sentiam-se acuados, com medo de suas próprias lembranças. *“Acontecia um racismo, atitudes racistas, mas a gente se sentia acuada, com medo, pois não sabíamos o que poderia acontecer se a gente se manifestasse, se a gente falasse”*.

De acordo com Vitória, com o passar dos anos, mudou-se para outra escola, a Escola São João Batista, em Camaquã, que era administrada pelas irmãs franciscanas Bernardinas, uma instituição particular. *“Nessa escola, as coisas começaram a melhorar e nós fomos nos sentindo mais pertencentes daquele espaço e da nova realidade”*. A nova escola era grande, com ensino médio e fundamental completo, tendo também o curso de magistério. Tinha vontade de estudar em um curso técnico, em uma escola estadual, que abrangia estudos sobre decoração de ambientes, porém, os cursos técnicos foram abolidos na escola, desta forma, voltou para a escola particular e resolveu fazer o magistério. *“Eu digo que a minha escolha para ser professora não foi por paixão nem por vocação, mas pelas consequências, pelas circunstâncias do destino”*.

Aos poucos, Vitória se apaixonou pelo ofício de ser professora. O curso do magistério abriu portas, muitas portas, aliás, para trabalhar e para saber quem ela era, assim, a partir dali, poderia ir além, em busca de um curso superior e de tantas outras conquistas.

Conforme Rego (2021, p. 26), “O exame existencial mais amplo retorna com suas consequências sobre aspectos tópicos da trajetória de vida, como os acontecimentos rememorados em narrativas agenciadas pelo ponto de partida da condição existencial de ser professor”.

Como professora, trabalhou um ano na escola particular em que estudou e posteriormente mudou-se para Porto Alegre. Oportunamente, estudou Pedagogia na UFRGS, assim, com outros olhos, prestou atenção nas diferenças. *“A maioria das pessoas eram brancas e com boas condições financeiras, diferente de mim, que trabalhava, estudava e vivia numa correria”*.

Na universidade, em um período considerado um momento difícil de sua vida, também sofreu racismo. “O racismo expresso lá, manifestado na universidade, era um racismo velado, em forma de piadinhas, de risos, de ironia”. Nesse período, apesar do racismo, sentia-se mais forte para superar as adversidades. *“A gente assistia*

televisão, lia, então, eu já era mais preparada para poder me defender, entender que eu tinha direitos, que eu poderia lutar pelos meus direitos e pra enfrentar aquelas atitudes racistas”.

Conforme Menezes e Costella:

A formação do sujeito é concebida como um processo em permanente construção que ocorre nos mais diversos espaços ao longo do tempo de vida. Dessa forma, o método (auto)biográfico torna-se um método de vida na medida em que se interessa pelas histórias de vida dos sujeitos que, ao narrarem, lançam o olhar para si a fim de enxergar as possibilidades formativas de suas experiências (Costella; Menezes, 2021, p. 153).

Vitória também menciona que encontrou na universidade um grupo com o qual fez amizade, assim, realizavam trabalhos juntos e se encontravam com frequência. Desse modo, a universidade foi um espaço com dois tempos concomitantes: o tempo do desencontro e o tempo do encontro.

Em 1996, fez concurso para magistério estadual e foi contratada para trabalhar em uma escola pública, neste caso, Matias de Albuquerque, local em que continua até os dias atuais.

Entender a trajetória de vida pessoal do(da) professor(a) a partir da ideia de lugar significa buscar de onde fala este sujeito, quais suas origens, quais suas particularidades. Em uma narrativa (auto)biográfica docente, o lugar (saberes pessoais) é o seu lugar. O lugar do(da) narrador(da), o lugar do(da) ator/atriz, autor(a) e protagonista de sua história de vida (Menezes, 2021, p. 172).

Na escola, Vitória se depara com as dificuldades da educação brasileira e se propõe a fazer a diferença, se preparar e ser uma boa professora. Ela ficava angustiada com frequência e sempre pensava em fazer o melhor. *“Não foi e não é fácil, mas isso é preciso lutar e buscar novas formas de aprender e de ensinar sempre”.* Revela, também, que se apaixonou pela educação e pelo desafio de ser cada vez melhor. Gosta do contato com pessoas, principalmente com crianças. Com essas palavras, ela remonta suas memórias e diz se preocupar em trabalhar com o racismo estrutural. *“Mesmo com a implementação da Lei n° 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino brasileiro, os conhecimentos de história e cultura afro-brasileira, na prática, alguns fatores passam despercebidos”.* Reforça, ainda, em sua fala, que a temática é necessária. Vitória cita a escola e o trabalho relevante que é realizado em relação às diferenças, bem como menciona as políticas antirracistas. Em suas lembranças, remonta as Abayomis:

Uma prática pedagógica com grande influência na aprendizagem dos nossos alunos em relação à cultura afro-brasileira é a história e a confecção das bonecas africanas Abayomis. Nossos alunos já se apropriaram do conhecimento da história e hoje eles gostam de confeccioná-las e contam a história sobre a boneca com propriedade. Com isso, nós queremos formar cidadãos antirracistas que saibam respeitar as diferenças (Vitória).

Em relação a esse trabalho, esta descreve a sua importância para as crianças e o quanto o ato de ouvir sobre a boneca empodera os estudantes em relação às suas próprias histórias. Fala sobre o respeito, a cor da pele e o respeito às diferenças. Ela também acrescenta que este trabalho acolhe os alunos, certamente, acolhimento que ela não teve na infância e nas suas primeiras escolas. Enfatiza a importância deste trabalho como uma semente para tratar o racismo. Manifesta que suas colegas mais novas na escola já estão se encantando com o trabalho. *“Agora, falando em luta permanente contra o antirracismo, eu quero lembrar uma fala de uma irmã minha, que é ativa nessa questão antirracista, que ela diz, eu não quero ser uma lutadora sempre, guerreira sempre, eu quero ter um momento de leveza nessa parte, nessa questão”.*

Vitória segue firme em sua narrativa e com propriedade diz que quer leveza, quer viver com tranquilidade, mesmo sendo mulher e sendo negra, quer o seu espaço, quer ver suas lutas ganhando efeito. Diz que precisa de justiça e de acolhimento às diferenças.

Então, para encerrar agora a minha fala, eu quero te dizer que ainda é importante e é muitíssimo importante que a escola seja um espaço de aprendizagem. Ela é, mas que a pessoa que frequenta a escola se dê conta disso, de que a escola é um espaço de aprendizagem, de igualdade, de tratamento, de respeito, de oportunidades para todos, independentemente da sua raça ou cor de pele. E a nossa meta principal é a educação, porque só pela educação é que a gente vai conseguir mudar e transformar. E que o racismo, um dia, esse é o nosso sonho maior, seja erradicado (Vitória).

A história dessa professora é um exemplo inspirador de resiliência, determinação e compromisso com a luta contra o preconceito racial. Desde tenra idade, ela enfrentou os desafios do racismo, uma realidade muitas vezes cruel que, infelizmente, ainda persiste em nossa sociedade. No entanto, em vez de se deixar abater pelas adversidades, ela usou essas experiências como combustível para sua jornada de empoderamento e de transformação. Ao longo dos anos, essa professora desenvolveu uma consciência aguçada sobre a importância da representatividade e da inclusão na educação. Ela reconheceu a necessidade urgente de criar um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, em que todos os alunos se sentissem valorizados e respeitados, independentemente de sua origem étnica.

A narrativa existencial conduz ao exame retrospectivo de tempos passados, reatualizados pelo olhar do tempo presente que, simultaneamente, ao olhar para o que passou, procura tornar conscientes dados pretéritos e projetar o por acontecer (Rego, 2021, p. 25 e 26).

Quando o projeto das bonecas Abayomis foi introduzido na escola, essa professora viu imediatamente o potencial transformador dessas bonecas como uma proposta educacional. As Abayomis não eram apenas brinquedos; eram símbolos tangíveis da diversidade e da riqueza cultural da África e da diáspora africana. Elas representam uma forma poderosa de celebrar e honrar a herança africana, ao mesmo tempo em que desafiam estereótipos prejudiciais e promovem a autoestima e a identidade positiva entre os alunos afrodescendentes.

Com seu entusiasmo e dedicação incansáveis, essa professora integrou as bonecas Abayomis em suas atividades de sala de aula de maneira criativa e significativa. Ela usou as memórias por trás das bonecas para ensinar lições de história, de cultura e de respeito mútuo. Ela incentivou seus alunos a explorarem suas próprias raízes culturais, ainda, promoveu a valorização da diversidade como uma força unificadora em nossa sociedade.

Nesse sentido, nos constituímos enquanto pessoas e profissionais por meio do conjunto de memórias que, ao reunirmos ao longo do itinerário de vida, compõe quem somos, como pensamos ser e o que pretendemos nos tornar. Desvendar o baú de nossas memórias representa, portanto, um caminho que vai ao encontro de possíveis fontes dos nossos modos de ser, estar e fazer na vida e na profissão (Costella; Menezes, 2021, p. 152).

Graças ao seu trabalho incansável e à sua paixão pela justiça social, essa professora se envolveu com seu ofício com base em sua trajetória de vida, tornando-se uma figura querida e respeitada na comunidade escolar. Seu impacto positivo vai muito além das paredes da sala de aula, influenciando não apenas a vida de seus alunos, mas também moldando a cultura escolar como um todo. Em um mundo que muitas vezes parece dividido por diferenças, essa professora nos lembra do poder da educação como uma força unificadora. Sua história nos inspira a seguir seu exemplo, comprometendo-nos a construir um futuro mais inclusivo, em que todos tenham a oportunidade de prosperar, independentemente de sua origem ou identidade.

7.1.2 Professora Fortaleza

A professora aqui denominada Fortaleza recebeu esse pseudônimo por acumular qualidades por sua determinação em ajudar os alunos para que alcançassem seus objetivos. Resiliente e capaz de lidar com desafios de forma positiva, tem a capacidade de entender as necessidades e as preocupações dos alunos, criando um ambiente acolhedor e solidário na sala de aula, inspirando as crianças para que superem obstáculos e alcancem seu potencial máximo.

Fortaleza entrou na escola com sete anos de idade. Fez todo o ensino fundamental na Escola Municipal Frei Pacífico, no distrito de Viamão. Revela que foi muito feliz nessa época. Deslocava-se para a escola a pé, em meio à zona rural. Reconhece que teve dificuldades na escola, mas que gostava muito de estudar. *“Fui me alfabetizar completamente já no 2º ano. Lembro-me como se fosse hoje das apresentações no salão da escola, para toda a comunidade, das quermesses, do cheirinho de álcool do mimeógrafo [...]”*. Lembra de amizades que duraram anos e de professores que acreditavam em sua capacidade. Reconhece o valor desses professores e espelha estas memórias em sua docência. *“Nunca repeti de ano, pois sempre tive professores especiais que acreditavam na minha capacidade. E é assim que procuro fazer em minha docência”*.

Conforme Menezes:

Por conseguinte, retoma-se a afirmação: ninguém nasce professor(a); torna-se professor(a). Torna-se professor(a) ao longo da existência, de uma história de vida. Mas é uma vida que não possui só história; é também geografia. É uma trajetória que se faz ao longo do tempo e no/com o espaço. O processo formativo de tornar-se professor(a) é uma maneira de grafar o espaço, de se posicionar no mundo. Assim, enfatiza-se: torna-se professor(a) no decorrer de sua história e de sua geografia (Menezes, 2021, p. 165).

Cursou o Ensino Médio junto com o magistério, porque, quando concluiu o Ensino Fundamental, ouviu de seus pais que era filha de pobre, e pobre não podia fazer faculdade. A sua mãe almejava que ela fizesse magistério, porque na família do seu pai todas as mulheres eram professoras, faziam magistério ou pedagogia, todo mundo atuava na área da educação. Fortaleza não se imaginava professora, não queria, porque não achava que tinha competência para isso. Apesar de não acreditar que conseguiria, fez o magistério na Escola Pública Cruzeiro do Sul, extinta hoje. Seu estágio foi realizado na escola em que permaneceu trabalhando por 13 anos.

O primeiro ano eram as disciplinas normais do ensino médio e no segundo ano que iniciaram as didáticas. Já iniciei as didáticas, logo em seguida, já começaram os estágios. Tinha um grupo muito bom, e acho que professores muito bons também, que me fizeram gostar da profissão. Hoje, eu não me imagino fazendo outra coisa. Tanto que eu fiz pedagogia com especialização em orientação escolar, depois fiz supervisão, e não me imagino atuando nessas áreas, porque eu gosto da sala de aula, do movimento da sala de aula. Porém, a gente entende que os tempos mudaram, e mudaram muito (Fortaleza).

Assim como Vitória, Fortaleza não tinha como escolha primeira ser professora, mas se dedicou e se apaixonou pela profissão. Reflete em sua fala as exigências dos estudantes, hoje, e a necessidade de aperfeiçoamento constante.

Fortaleza mudou-se para Porto Alegre em razão do casamento, assim, não conseguindo transferência, desligou-se da escola e passou a fazer faculdade na Universidade Ritter dos Reis, em Porto Alegre. Estudava e trabalhava na própria universidade. Posteriormente, fez concurso e passou a trabalhar na Escola Matias de Albuquerque, local em que está desde o ano de 2009. *“Sempre fui muito bem acolhida, tanto pelos alunos quanto pelas famílias, pelo grupo de colegas, que já trocou bastante desde que eu cheguei no Matias, mas sempre fui muito bem acolhida”.*

Conforme Costella e Menezes:

Na relação entre fragilidades identitárias e a formação dos (as) professores(as) compreende-se que os saberes são múltiplos que a constituição professoral é complexa. Ainda que é essencial a busca incessante da consciência memorial para restabelecer, mesmo que provisoriamente, a transformação de objetos em sujeitos em relação constante de autotransformação e reconstrução (Costella; Menezes, 2022, p. 61).

Os saberes de Fortaleza são múltiplos, visto que carregam suas escolas, as mulheres de sua família e, principalmente, o poder de vencer dificuldades. As memórias provocam nela uma reflexão sobre como chegou até a Matias e o que a fez ser o que é como professora.

Quanto ao trabalho com as Abayomis, Fortaleza relata:

Acredito que as Abayomis auxiliam sim e muito na reflexão e consciência sobre as questões de racismo em sala de aula. É por meio do lúdico que as crianças interagem e compreendem esses conceitos delicados de racismo, religiosidade e até mesmo sobre povos originários.... A lei 10639 foi criada para organizar e legitimar a cultura afro-brasileira. A consciência negra é entender e romper com esse lugar de que a pessoas negras são só aquelas cuja única história é a escravização.... e que buscamos.... é justamente potencializar outros aspectos das vidas negras e ampliar esse leque de representação. Precisa-se falar de amor no viés de negritude, de esperança, de criatividade, de ciência, de tecnologia. Porque as crianças precisam se enxergar em outros aspectos e vislumbrar outras possibilidades. E com as bonequinhas e sua história

podemos levar as crianças a refletir e trabalhar com essa temática dentro e fora da sala de aula (Fortaleza).

Na narrativa da professora Fortaleza, destaca-se o papel vital das Abayomis na difusão da cultura antirracismo. Ela enfatiza como essas bonecas afro-brasileiras não apenas celebram a herança cultural afrodescendente, mas também fornecem uma plataforma educacional poderosa para discutir questões de discriminação racial e promover a igualdade. Com a confecção e o compartilhamento das histórias por trás das Abayomis, a professora testemunha como seus alunos são capacitados a reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

A professora Vitória é uma mulher que tem o racismo como estoque forte de memória; a professora Fortaleza não cita preconceito sofrido em sua vida, ela é uma mulher branca que enfrentou adversidades de pobreza e descrença, mas ambas refletem a importância do trabalho com as bonecas. Para brancas ou negras, pobres ou ricas, com ou sem deficiências dos mais variados tipos, o trabalho com as Abayomis traz algo que provoca o brilho nos olhos. As Abayomis vivem, transformam e fazem a diferença na vida de quem passa por elas.

7.2 As palavras das crianças

Conforme descrito na metodologia, foi realizado um grupo focal em que as crianças se manifestaram sobre a cultura antirracista enquanto manipulavam as Abayomis. As manifestações das crianças foram marcadas por um misto de curiosidade, de empatia e de entusiasmo. Ao construir as bonecas Abayomis, símbolo de resistência e ancestralidade afro-brasileira, as crianças expressaram uma conexão emocional profunda, envolvendo-se ativamente na criação dessas representações de identidade e história.

Durante o processo, demonstram sentimentos de orgulho e de pertencimento, à medida que exploram suas próprias raízes culturais e aprendem sobre a importância da diversidade e da luta contra o racismo. Além disso, revelaram que, ao participar de eventos relacionados à cultura antirracista, ampliaram seu engajamento com a causa, compartilhando suas experiências, promovendo a conscientização e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Suas vozes e ações

ressoam como agentes de mudança, inspirando a abraçar a diversidade e a justiça social.

O grupo focal contou com vinte e sete crianças, do 5º ano do Ensino Fundamental, Anos Iniciais. Este grupo já tinha experiência com o projeto desde o 1º ano de escolaridade. Vale salientar que todos estão de acordo com idade e série, ou seja, são realmente crianças.

As crianças manifestaram que seus familiares sofriam constantemente preconceito em razão da cor da pele e/ou a condição social. *“Meu pai sempre fala que pobre e negro tem que trabalhar de lixeiro”*, esta foi uma das falas evidenciadas por algumas crianças. Essa situação é recorrente no interior das famílias, pela baixa autoestima que desenvolvem em função das atrocidades da vida.

Algumas crianças manifestaram a necessidade e a vontade de, ao sair da escola, não continuar os estudos, pois precisam auxiliar as famílias e compor a renda para a sobrevivência. *“Tenho quatro irmãos e minha mãe é sozinha, preciso ajudar ela”*. Este fato nos lembra uma responsabilidade precoce, ou seja, tinham a consciência de que precisavam ajudar as mães. Falavam naturalmente, sem se preocupar com os colegas que estavam ouvindo. Nota-se que muitas crianças que estavam envolvidas nas narrativas provêm de “mães solo” e isso agrava a condição de sobrevivência das famílias.

Observamos que as crianças se identificaram muito com a confecção das bonecas. Elas falaram que *“as bonecas representam nossas raízes”*, esta fala fluiu durante as conversas e ficou visível que elas passaram a incorporar a ideia do antirracismo. Espera-se que sejam adultos sem preconceitos e com um empoderamento significativo contra qualquer manifestação de discriminação.

Após o grupo focal, temos as narrativas com três crianças, que foram denominadas com pseudônimos de Flor de Lótus, Dandara e Zumbi.

Flor de Lótus é uma menina branca, tem olhos negros, cabelo bem liso e está cursando o 4º ano do Ensino Fundamental. Ela tem nove anos, é muito falante e extrovertida, foi alfabetizada na idade certa e tem uma imaginação muito fértil. Mora com a mãe e mais 6 irmãos, sendo que dois deles também estudam na escola Matias de Albuquerque. Seu contato com as bonecas Abayomis começou no seu 1º ano, ela tem um desenho publicado no e-book de Direitos Humanos da Procuradoria Geral do Estado, fato que é motivo de orgulho tanto para ela como para a família.

“Um dia a professora trouxe umas bonecas bem diferentes - as Abayomis, elas representam a força e a união das pessoas, mesmo sendo diferentes umas das outras”. A emoção tomou conta de mim ao ouvir isso, eu nunca havia pensado que uma criança poderia falar de forma espontânea estas palavras.

A professora falou sobre como é importante respeitar e aceitar as diferenças de cada pessoa, porque é isso que nos faz especiais, eu queria ser como as bonecas, forte e sempre disposta a ajudar os outros, mesmo que fossem diferentes dela. Sabe que a boneca me ajudou, eu vi a colega nova um pouco triste e sozinha, ela é negra, conversei com ela, e na minha casa minha mãe me ajudou eu fiz uma boneca para ela, e é verdade, sabe, ela traz felicidade, contei a história para ela, que ficou feliz e é minha amiga desde o 3º ano.

Flor de Lótus, nesse momento, nos inspira a pensar que é possível “desbravar” a sensibilidade de uma criança com uma construção lúdica e reflexiva. A narrativa nos permite isso, ouvir sem perguntar, deixar fluir. Em sua pequena história de vida, ela se dá conta de que o que fez com a coleguinha foi algo de orgulho. Ela se coloca no lugar da boneca e aprende com ela própria. “A memória como eco do passado pode recriar imagens mentais, cogitando novos caminhos e soluções para os problemas cotidianos” (Peres, 2009, p. 105). A colega estava triste. Para alguns, pode ser algo natural a tristeza do outro, no entanto, para ela, não era. Assim, ecoou da aprendizagem com a boneca a necessidade de ajudá-la e deixar o seu problema mais leve.

Não sei se como uma adulta, pois muitas adultas e adultos não conseguem pensar assim. Como uma criança que aprendeu com a boneca, Flor de Lótus se manifesta: *“Não importa como as pessoas são diferentes, o que importa é como nós tratamos e como nós apoiamos uns aos outros. Tem que dar amor e respeitar”*. No momento em que disse isso, parecia que estava falando com espontaneidade, tendo a necessidade de nos dizer que tratar bem o outro é algo que se pode aprender, não necessariamente nascemos assim, até porque, muitas vezes, o convívio familiar na infância não traz tais ensinamentos.

Flor de Lótus esgotou logo as suas falas, isso é muito comum nas narrativas com crianças, pois elas não organizam o pensamento e nem se preparam para falar o que, talvez, o pesquisador queira ouvir. Flor de Lótus nos deu o seu recado e aqui se destaca a cor da sua pele e as características do seu cabelo, isto é, ela não é uma Abayomi, nunca foi, não sofreu o racismo. Apesar disso, deu-se conta de que ele

existe, não nela, mas nos outros, pois em sua fala repetiu inúmeras vezes o respeito às diferenças.

Chegou o momento de falarmos com o Zumbi. Esse menino recebeu esse pseudônimo por sua força e coragem. Ele é um sobrevivente negro, filho de uma mãe usuária de drogas, por essa razão, foi recolhido para um abrigo que deveria ser um lugar de proteção e de segurança, contudo, foi abusado e sofreu maus tratos.

Zumbi foi adotado por um casal homoafetivo que lhe deu amor, carinho, proteção e todos os cuidados necessários a uma criança. A relação da escola com a família começou há mais ou menos cinco anos, quando os pais chegaram na escola à procura de uma vaga para uma criança que precisava estar matriculada, para que pudessem adotá-la. Nesse momento, já começou a surgir uma relação de amor e de acolhimento por essa criança tão sofrida. Esse menino tem o dom da fala e, por várias vezes, participou de apresentação e até foi entrevistado pelo Jornal do Almoço - JA (Programa de Televisão da RBS/TV – Rede Globo) sobre o tema das Abayomis, em uma das Feiras do Livro de Porto Alegre/RS. Em suas falas, tanto em tais eventos como na narrativa, observou-se maturidade e empoderamento.

Vamos reproduzir aqui a sua fala espontânea no início da narrativa:

Meu nome é [...] tenho dez anos de idade, minha vida mudou de assombrada para um mundo colorido, quando fui adotado por dois pais amorosos que me deram um lar seguro e muito amor, cuidam de mim, tenho um quarto só para mim, muito lindo. Às vezes eles até ficam brabos quando faço algo errado, mas não me batem, conversam muito, é para eu não fazer de novo, porque eles falam: tu podes te machucar, filho. Antes deles quererem ter eu como filho, eu morava num abrigo, lá era ruim, triste demais, apanhava quase todos os dias, gritavam comigo, era chamado de negrinho sujo, teu cabelo ruim, temos que cortar esses bombris, e a vida parecia que era só tristeza eu tinha vontade de morrer, pois faziam coisas comigo que não quero falar. [...]. Eu lembro quando entrei na escola, eu batia em todo mundo, tinha uma raiva bem grande, pensava que todo mundo era mau, que eu era diferente, a diretora me abraçava e não brigava, as professoras me davam carinho e meus pais conversavam comigo e algo mudou dentro de mim (Zumbi).

Essa fala foi muito forte, mas importante, porque, a partir dela, ele vai refletindo sobre a consciência de dois tempos e três espaços. A época do abrigo, que se fechava em tempos sombrios, a sua casa e a escola, em outros tempos. Impressionante como ele faz discernimento sobre o que ele era e no que se transformou.

Nunca sofri discriminação por causa da minha cor de pele no colégio, a diretora e as professoras sempre falavam que todo mundo é igual nos direitos e deveres também. Fui aceito, amado pelo que sou, sempre me deixam falar. Dizem que sou talentoso e que eu vou ser o que eu quiser, percebi que a cor da pele não importa, e que o amor é o que une as pessoas (Zumbi).

Zumbi nos prova aquilo que trazemos como problematização em nossa pesquisa, a escola pode mudar - e muito - a vida das pessoas. Nesse contexto, o professor Paulo Freire (2000, p. 45) nos transmite esta ideia: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Zumbi também falou sobre as bonecas e, como Flor de Lótus, expressou o que aprendeu. Claramente, ele se identificou, pois ao analisar a relação da boneca com sua própria trajetória, percebeu muitas semelhanças.

Aprendi que as bonecas não falam apenas de moda ou brincadeiras, mas também de amor e aceitação. Elas me mostraram que todos somos iguais por dentro, independentemente da nossa aparência por fora, sabe, o corpo. Aprendi que eu sou gente e importante, quem eu sou, e a abraçar minha raça com orgulho. Meus pais, meus amigos e meus professores me ensinaram a importância de aceitar as diferenças. Hoje, parece que nem era eu no abrigo, parece até histórias dos livros da biblioteca. Tudo que aprendi, quem eu sou, quero ajudar muitas outras crianças que, como eu, eram tristes, e dizer que podem ser quem elas quiserem, espalhar amor e compreensão onde quer que eu vá [...] Sabe, eu tenho na minha casa um montão de bonecas Abayomis, e tem alguns amigos que não sabem que ela é amor, daí eu explico, sabe, até me pedem e eu ensino até a fazer (Zumbi).

Simplemente arrepiante a fala de Zumbi. Às vezes parece não sair dele. “Sou gente importante”, ele é e sempre será muito importante, porque aprendeu com a vida a mudar e a dar-se o devido valor. Esta narrativa provoca em Zumbi uma avaliação dele mesmo. Quando narra, constrói a sua história. Este relato nos lembra de Christine Delory-Momberger, quando nos afirma que a narrativa faz a história, não a história faz a narrativa.

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida (Delory-Momberger, 2011, p. 341).

Ainda com Ramos:

[...] penso que as identidades negras, homossexuais, deficientes e ameríndias, dentre tantas que tradicionalmente eram tratadas na escola como “outras”, “desviantes”, “anomalias”, hoje encontram a possibilidade de serem produzidas de modo afirmativo na relação com os outros no interior da instituição escolar. As diversidades nascem assim, como a emergência de vozes que servem de contraponto ao etnocentrismo presentes na escola. As africanidades, inseridas em uma proposta de educar para igualdade racial, portanto, colocam-se como uma forma de descolonizar o espaço escolar (Ramos, 2013, p. 4).

Zumbi nos mostrou sua fortaleza, nos contagiou com sua fala, nos tirou o fôlego. Zumbi nos provou que é possível, que o mundo tem saída por um outro lado que não seja pelos fundos. Zumbi e Flor de Lótus, misturados à professora Vitória e à professora Fortaleza e, ainda, imbricados com as Abayomis, nos trouxeram uma outra forma de pensar o mundo. Por essa razão, as narrativas são importantes, pois elas não mudam só quem narra, elas mudam quem ouve.

Agora chegou a vez de Dandara, uma menina negra, com 10 anos, que foi transferida para a escola Matias de Albuquerque, no ano de 2022. Ela tem um cabelo lindíssimo afro, olhos brilhantes, é alta. Quando chegou, mal falava, usava sempre na cabeça um capuz, mesmo estando muito quente não o tirava.

A mãe de Dandara foi chamada à escola para falar sobre o comportamento da menina que não conversava com ninguém e não interagira em sala de aula. A mãe relatou que precisou trocar a menina de escola, pois ela foi discriminada em função do cabelo e de sua altura, assim, com lágrimas nos olhos, pediu ajuda.

A narrativa de Dandara deixa bem clara a importância de a lei nº 10639 /03 ser trabalhada nas escolas. Vamos ouvi-la:

[...] Na minha escola anterior, sofri muito bullying por causa do meu cabelo e do meu corpo grande, todo mundo diz que escola particular as pessoas são mais educadas e não é verdade, antes de vir para cá, estudava numa que meu avô pagava, ele disse que eu tinha que estudar lá porque eles ensinavam muito lá. [...] As palavras cruéis e olhares de nojo, parecia que eu tinha doença, deixaram muita dor no meu coração e uma tristeza, eu não queria mais estudar, eu acreditava que tudo aquilo era verdade, que eu era feia, girafa, cabelo de esquisito. Mas hoje olho para trás com gratidão, porque encontrei um lugar onde sou aceita e amada como sou. Aqui, a diretora da escola me chamou e falou um montão, que todos são e que temos que gostar da gente e me levou no banheiro das professoras onde tinha um espelho enorme. Ela pediu para tirar o capuz, fechar os olhos e me disse está vendo aquela moça linda ali? É você e começou a chorar, eu não me olhava no espelho, tinha medo. Aprendi que minha beleza é única e que ser diferente é uma dádiva. Agora, meu cabelo é minha coroa e meu tamanho é meu poder. Não deixo mais que o preconceito dos outros me deixe triste, sou quem sou. Sou forte, sou bonita e sou digna de amor (Dandara).

Assim como Costella e Menezes (2022, p. 76), “Acredito no (a) professor(a), acredito na escola, acredito na mudança”. O que a Dandara nos ensina é que as ações da escola, desde a acolhida até o trabalho com as bonecas, são importantes para a mudança no curso de vida das crianças e dos professores. A escola é capaz de mudar o rumo da história e, neste caso, nesta pesquisa, era isso que precisávamos enxergar. Com atividades lúdicas, especificamente, com a construção de uma boneca, é possível promover mudanças significativas na vida das crianças.

Ainda com Costella e Menezes:

Essa crença me movimenta e são elas que me fazem viva. A partir de mim, percebo quanto os fios tecidos pelos outros e incorporados à minha maneira, na minha tessitura, formam-me, deformam-me e reformam-me. Resgato-me constantemente pelos fios, pelas pontas e percebo que meu coração não está no início. Ainda que tenhamos em nossas vidas inúmeros começos e, da mesma forma, creio que cada um deles nos torna constantemente o que somos pelo simples fato de sermos ainda bem inacabados (Costella; Menezes, 2022, p. 76).

As palavras de Costella e Menezes ressoam profundamente em minhas crenças sobre mudança e transformação. Assim como os fios que tecem as bonecas Abayomis, acredito que somos constantemente moldados e remodelados pelas experiências, pelas interações e pelas crenças que adotamos ao longo da vida. Acredito no poder da educação e na capacidade das escolas de promover essa mudança. Ao ouvir as falas das crianças sobre as bonecas Abayomis e sobre a discriminação, reforço minha convicção da importância do diálogo, da empatia e da inclusão para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária. Essas crenças são o motor que me impulsiona, são elas que me mantêm viva e em constante busca de evolução.

Foram três as crianças ouvidas, Flor de Lótus, que se ressignifica permanentemente; Zumbi, que significa símbolo de luta e de força; e Dandara, que na história trocava paz por terra. Cada uma delas falou de forma espontânea, todas pensando nas Abayomis. Estas três crianças nos ensinaram não apenas a respeitar as crianças, suas histórias e suas vidas, mas nos ensinaram também a ser mais gente, a ter mais humanidade e a enxergar o mundo com outros olhos. Temos a certeza de que ao “ler” estas crianças, nesta pesquisa, o mundo não será mais lido da mesma forma.

Importante frisar que não se registrou aqui tudo o que foi proferido, visto que, guardamos muito das falas para que possamos, um dia, continuar, de alguma forma, esta luta contra o racismo, contra as desigualdades, contra as injustiças e as maldades.

Por um mundo com mais Flores de Lótus, Dandaras e Zumbis ... que venham muitas Fortalezas e Vitórias, que venham muitas e em muitos lugares.

8 A BONECA ABAYOMI E A RODA DA IGUALDADE

Este capítulo contará com a apresentação do livro infantil construído durante esta pesquisa. Inicialmente, frisa-se que a ideia principal foi a construção de um livro que apresenta a proposta de um trabalho com vistas a desenvolver o enfrentamento à discriminação racial. A estrutura não seguirá os modelos tradicionais, tendo em vista que se trata de um livro infantil e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico para auxiliar o docente a abordar de forma lúdica a Lei nº 10639/03.

Diante disso, pretende-se que as narrativas das crianças sobre a construção das bonecas Abayomis, bem como as mais diversas experiências vividas, possam trazer uma perspectiva autêntica e emocional, destacando a importância da diversidade e da resistência. Ao incorporar as experiências da criança, o livro infantil ganha uma voz única e poderosa, promovendo a compreensão e a valorização da cultura afro-brasileira. Isso não apenas enriquece a trama, mas também ajuda a sensibilizar os leitores mirins sobre temas como preconceito e racismo, de maneira acessível e cativante.

O livro apresenta uma personagem representada por uma boneca de pano preto, confeccionada conosco, sem demarcação de olho e de boca. Ela traz em sua história a cultura afro-brasileira e é chamada de Abayomi, que significa encontro com o precioso. O significado também pode ser de empoderamento, por sua representatividade.

Conforme Costella:

A imagem que o aluno constrói sobre um espaço que ele nunca visitou, que ele nunca compareceu ou vivenciou, depende da forma como este espaço foi contextualizado pelo outro, que pode ser a televisão, as fotografias, as escritas, mas principalmente a capacidade do professor em oportunizar a ideia sobre os objetos apresentados. Ao reconhecer as relações pelas memórias, recentes ou não, partimos sempre de um projeto de memória, e deste projeto, alçamos voos para outros e mais outros (Costella, 2019, p. 53).

Nesse sentido, o tempo em que nasce a Abayomi e o espaço de onde ela vem e de onde foi criada estão ausentes nos espaços das crianças na escola Matias. O que fizemos foi resgatá-los não para mostrar o sofrimento das mães escravizadas, mas para resgatar histórias de mulheres fortes. Mulheres estas que, mesmo enterrando suas vidas nos porões dos navios negreiros, olhavam para o horizonte

ainda esperançosas, não de esperar, mas de lutar, queriam de volta o brilho dos olhos de seus filhos e filhas (Figura 27).

Figura 27- Caminho Percorrido



Fonte: Autora (2023)

O livro é uma homenagem a elas, a estas mães, aos filhos, aos descendentes deles e delas, aos Zumbis, Dandaras, Flores de Lótus, Vitórias, Fortalezas e muito outros que nos auxiliam nesse processo de ser uma pessoa melhor.

Parousia Abayom

Crianças chorando, no navio negreiro -
desamparadas! Doces inocentes almas
Engaioladas!

As Vagas, no porão da embarcação desalmada
A Espada Cortante Perfura A Alma Pura – desatinada.
A mãe sente dores desesperadas!

- Que posso fazer para salvar meu
filho? ...Nesse cruel deserto d'água
cálida?

Sou andador ambulante e andarilho!
Oh, Deus do céu! Ouça o gemido maternal -
simpatizante! ...Um raio de inteligência cai como faísca
iluminante.

Vou rasgar minhas roupas e somente com o coração
farei boneca, senadores, mãos, que emoção!

No deleite do encontro precioso
tece as mãos o artefato
carinhoso! E emergem das
mãos bonecas miss Quece
chamaram Abayomis.

A solução mágica do amor materno
torna e atormenta em um momento
eterno!

E a luz cândida pura entra no porão escuro.
E as Abayomis vencem o choro, derrubando o muro.

Gessé Antônio de Souza (10/04/2015)

Na sequência, apresenta-se o livro que foi construído com a imaginação e
sabedoria das crianças – desejamos uma ótima leitura.

A BONECA ABAYOMI E A RODA DA IGUALDADE

AUTORA: CLÁUDIA CAMPOS

COAUTORA: ROSELANE COSTELLA

ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO: SÉRGIO OLIVEIRA DE CAMPOS

CLÁUDIA CAMPOS E ROSELANE COSTELLA

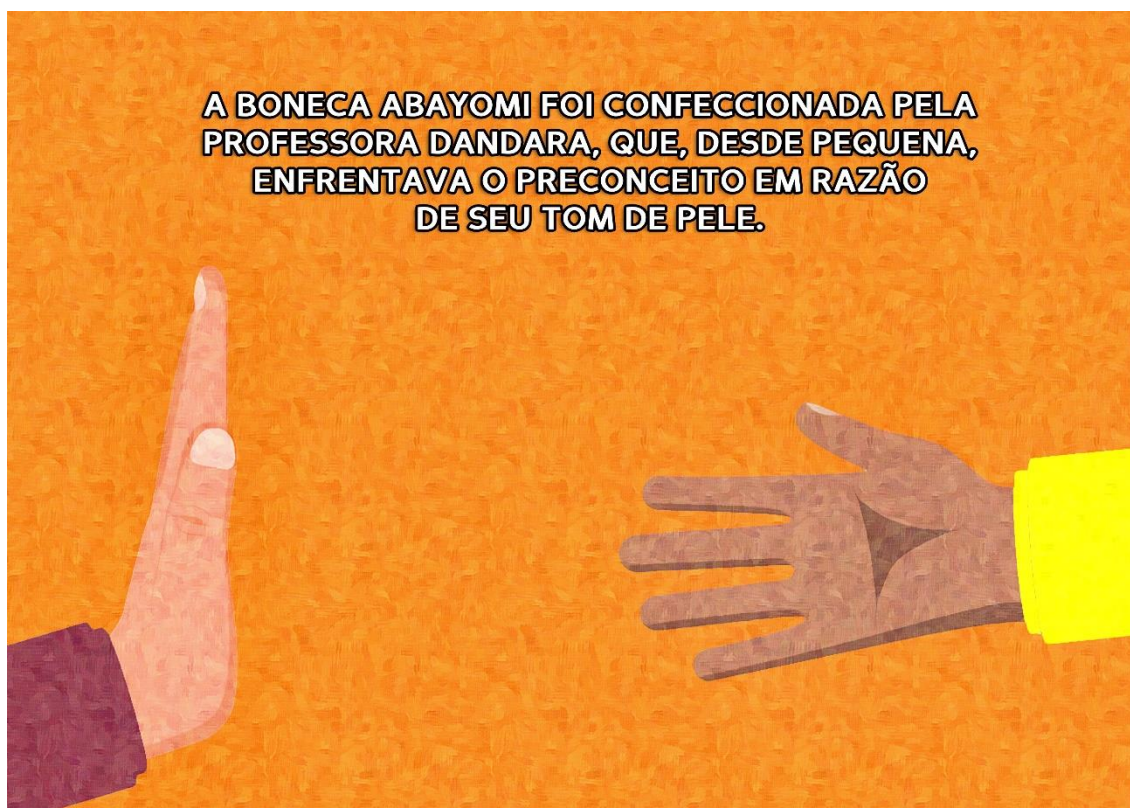
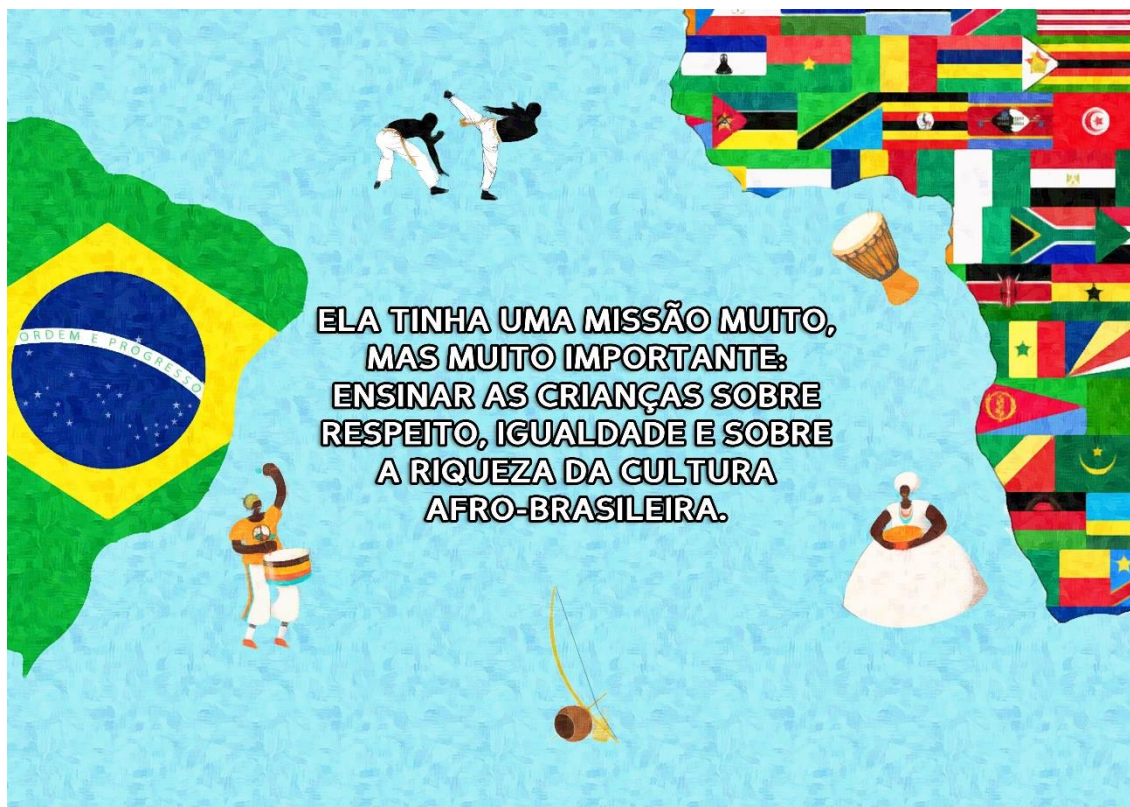
A BONECA ABAYOMI



E A RODA DA IGUALDADE

ILUSTRADOR: SÉRGIO OLIVEIRA DE CAMPOS



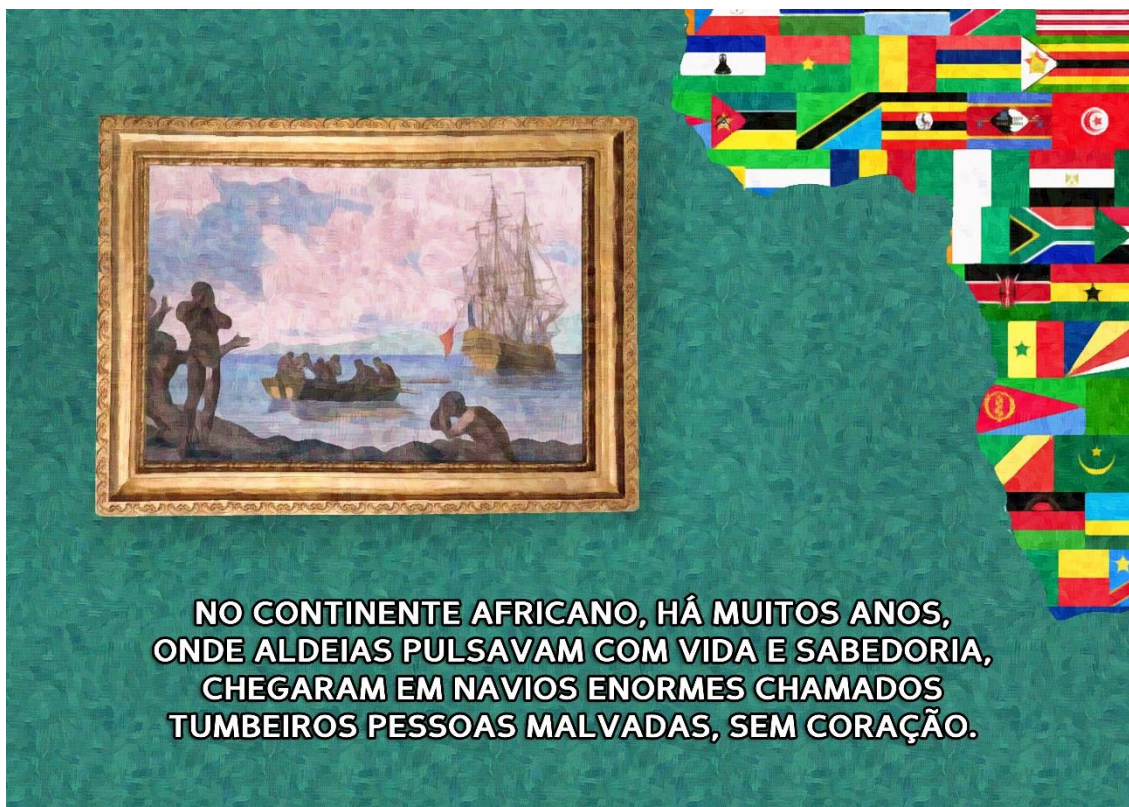


A PROFESSORA, QUANDO ERA CRIANÇA, DE TANTO
SOFRER BULLYING POR PARTE DOS COLEGAS,
NÃO QUERIA MAIS IR PARA A ESCOLA.

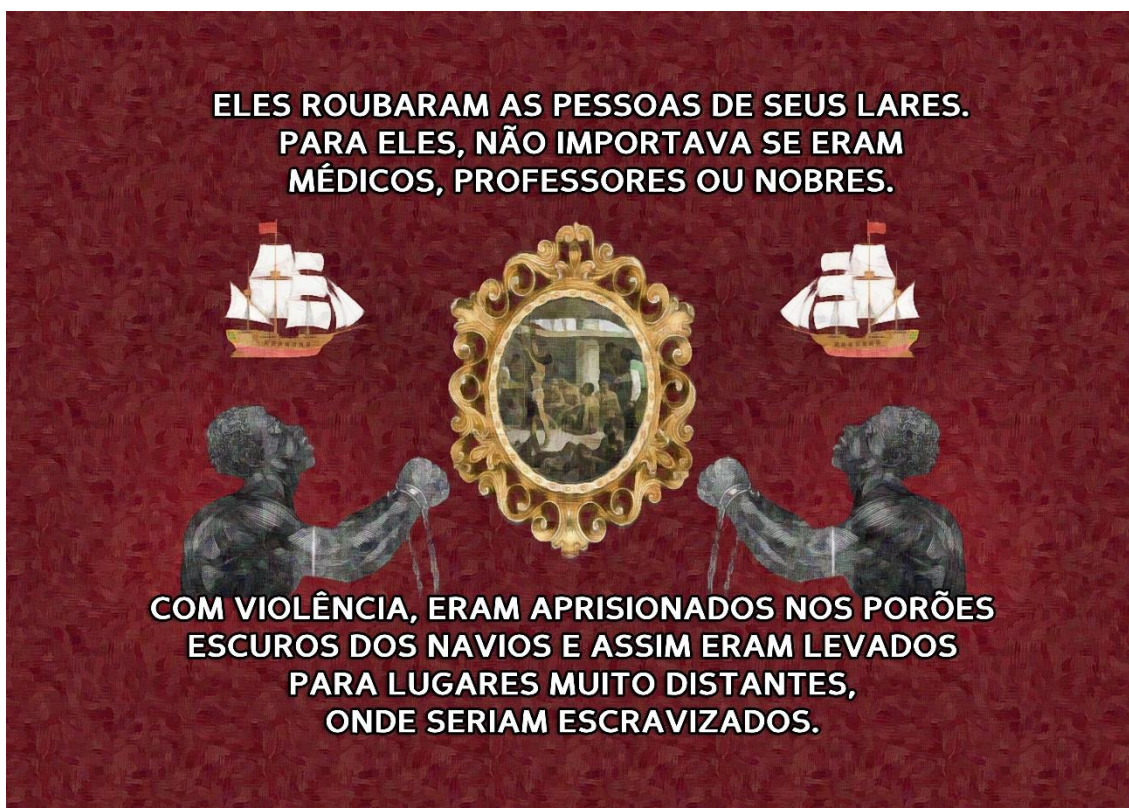


EM UM BELO DIA, A PROFESSORA DE DANDARA,
VENDO A TRISTEZA DA MENINA, DEU A ELA
UMA BONECA CHAMADA ABAYOMI.
E CONTOU A HISTÓRIA DA BONECA:





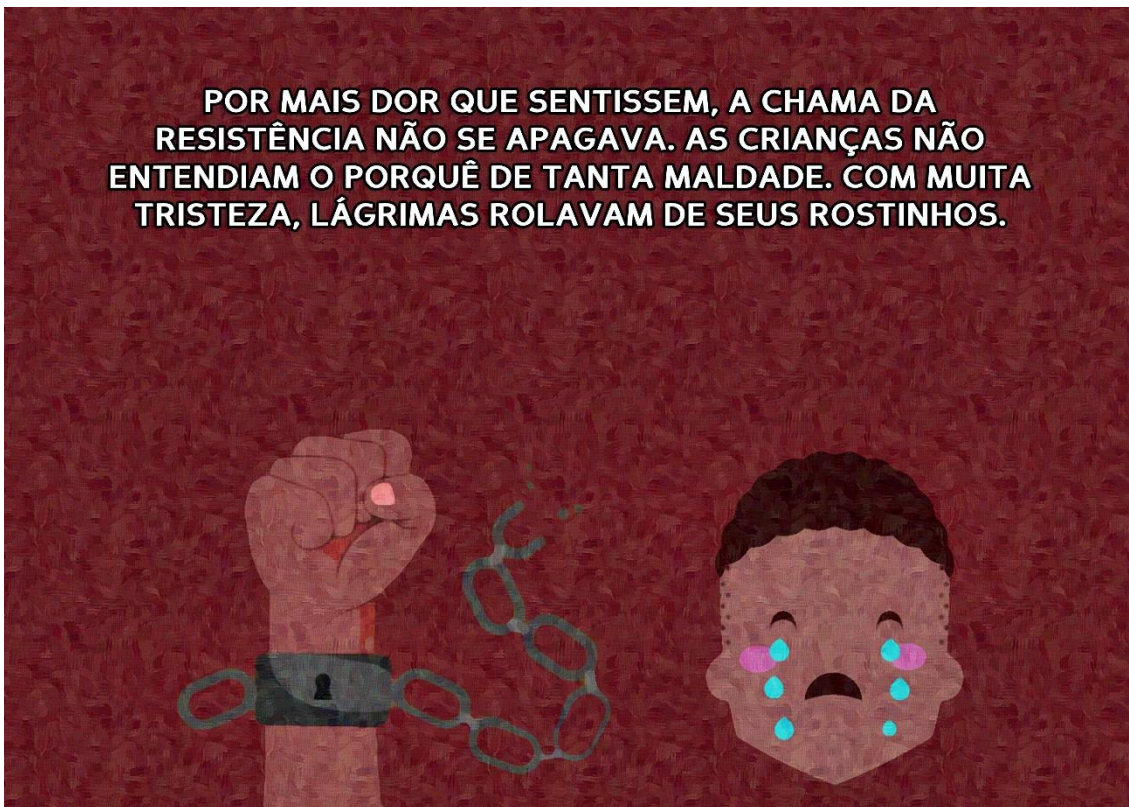
**NO CONTINENTE AFRICANO, HÁ MUITOS ANOS,
ONDE ALDEIAS PULSAVAM COM VIDA E SABEDORIA,
CHEGARAM EM NAVIOS ENORMES CHAMADOS
TUMBEIROS PESSOAS MALVADAS, SEM CORAÇÃO.**



**ELES ROUBARAM AS PESSOAS DE SEUS LARES.
PARA ELES, NÃO IMPORTAVA SE ERAM
MÉDICOS, PROFESSORES OU NOBRES.**

**COM VIOLÊNCIA, ERAM APRISIONADOS NOS PORÕES
ESCUROS DOS NAVIOS E ASSIM ERAM LEVADOS
PARA LUGARES MUITO DISTANTES,
ONDE SERIAM ESCRAVIZADOS.**

POR MAIS DOR QUE SENTISSEM, A CHAMA DA RESISTÊNCIA NÃO SE APAGAVA. AS CRIANÇAS NÃO ENTENDIAM O PORQUÊ DE TANTA MALDADE. COM MUITA TRISTEZA, LÁGRIMAS ROLAVAM DE SEUS ROSTINHOS.



PARA ALIVIAR A TRISTEZA DAS CRIANÇAS, AS MÃES RASGAVAM PEDAÇOS DAS SUAS ROUPAS E CONFECCIONAVAM BONECAS FEITAS COM NÓS. ELAS COLOCAVAM MUITO AMOR NESSE TRABALHO, POIS ERA O QUE PODIAM DAR AOS SEUS PEQUENOS. DERAM A ESSAS BONECAS O NOME DE ABAYOMI, QUE QUER DIZER *AQUELA QUE TRAZ FELICIDADE E ALEGRIA.*



COLOCAVAM A ABAYOMI AO LADO DAS CRIANÇAS, QUANDO ESTAS PEGAVAM A BONECA, SORRIAM. E O BRILHO VOLTAVA AOS SEUS OLHINHOS. DANDARA SE IDENTIFICOU COM A HISTÓRIA DAS CRIANÇAS, VISTO QUE, EM MEIO À TRISTEZA, SURGE UMA BONECA DO AMOR, TRAZENDO LUZ E ACOMODANDO OS CORAÇÕESZINHOS.



DANDARA TORNOU-SE UMA PROFESSORA QUE ENCANTA SEUS ALUNOS COM UM TOQUE MÁGICO DE EMPATIA E DE COMPREENSÃO, COMPARTILHANDO A HISTÓRIA DA ABAYOMI COM AS CRIANÇAS.



COM SUAS PALAVRAS SUAVES, ELA TRANSFORMA A SALA DE AULA EM UM LUGAR ONDE CADA CRIANÇA É DIGNA DE RESPEITO E DE AMOR. E, ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO, É SEMEADO UM MUNDO EM QUE DIFERENÇAS SÃO CELEBRADAS.

UM DIA, A PROFESSORA DECIDIU ORGANIZAR UMA GRANDE RODA DA IGUALDADE. ELA CONVIDOU CRIANÇAS DE TODAS AS CORES E ORIGENS PARA PARTICIPAR.



AS CRIANÇAS FORAM CONVIDADAS A CONFECCIONAR UMA ABAYOMI ENQUANTO A PROFESSORA EXPLICAVA A IMPORTÂNCIA DA LEI nº 10.639, QUE RECONHECE A HISTÓRIA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS.

AOS POUCOS, AS CRIANÇAS APRENDIAM A RESPEITAR AS DIFERENÇAS E A VALORIZAR A RIQUEZA CULTURAL QUE CADA UMA TRAZIA CONSIGO. ABAYOMI ENSINAVA QUE TODOS MERECIAM SER TRATADOS COM IGUALDADE E COM JUSTIÇA, INDEPENDENTEMENTE DA COR DA PELE.



E, ASSIM, A ESCOLA SE TORNOU UM LUGAR EM QUE A DIVERSIDADE ERA CELEBRADA. A HISTÓRIA DE ABAYOMI E A RODA DA IGUALDADE SE ESPALHARAM, INSPIRANDO OUTRAS COMUNIDADES A SEGUIREM O MESMO CAMINHO DE RESPEITO E DE ENTENDIMENTO MÚTUO.



TUTORIAL: COMO CONFECCIONAR UMA ABAYOMI





CLÁUDIA ADRIANA DE SOUZA CAMPOS

Professora, autora de livros, contadora de histórias. Licenciatura em História, Ensino Técnico em Biblioteconomia (IFRS), Especialização em Educação Ambiental (FURG), Especialização em Mídias na Educação (FURG), Especialização em Educação em Direitos Humanos (FURG), Especialização em Supervisão Escolar (FACED), Especialização em Pedagogia Gestora Supervisão e Orientação Educacional, Mestranda em Geografia na área de Educação. E-mail: souzclaudia.campos@gmail.com // Instagram: @claudiasouzacampos.



ROSELANE ZORDAN COSTELLA

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), no Departamento de Ensino e Currículo (DEC), no Núcleo de Estudo e Educação em Geografia (NEEGEO), Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia/UFRGS. Licenciada, Mestre e Doutora em Geografia pela UFRGS. E-mail: professoracostella@gmail.com. Tenha acesso aos seus textos pelo blog: <https://professoracostella.blogspot.com/>.



SÉRGIO OLIVEIRA DE CAMPOS

Ilustrador, designer e diagramador atuante desde 2016. Com expertise em projetos literários digitais, colaborou como designer de capa e diagramador em quatro obras pelo IEL (Instituto Estadual do Livro). Sua paixão pela narrativa visual também o levou a contribuir como ilustrador em dois livros infantis, demonstrando versatilidade e habilidades tanto em projetos gráficos, no desenvolvimento de animações utilizadas em experiências de RA (Realidade Aumentada), quanto em ilustrações digitais. E-mail: soliveiradecampos@gmail.com

A BONECA ABAYOMI É FEITA DE RETALHOS DE TECIDO. SEU NOME TEM ORIGEM NO IDIOMA IORUBA, QUE SIGNIFICA "ENCONTRO PRECIOSO". ESSAS BONECAS TÊM UMA GRANDE IMPORTÂNCIA CULTURAL E SIMBOLIZAM A RESISTÊNCIA E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE AFRODESCENDENTE.

A BONECA ABAYOMI TEM COMO CARACTERÍSTICA SUA CONFECÇÃO COM APENAS NÓS E AMARRAS NO TECIDO, SEM A NECESSIDADE DE COSTURA. ELA NÃO POSSUI OLHOS NEM BOCA, REPRESENTANDO, ASSIM, AS VÁRIAS ETNIAS EXISTENTES NO CONTINENTE AFRICANO.

ESSA SIMPLICIDADE NA CONFECÇÃO REPRESENTA A CRIATIVIDADE E A CAPACIDADE DE TRANSFORMAR ALGO SIMPLES EM ALGO SIGNIFICATIVO.

ALÉM DE SEU VALOR ESTÉTICO, AS BONECAS ABAYOMI SÃO FREQUENTEMENTE USADAS COMO FERRAMENTAS EDUCACIONAIS PARA PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA, SOBRE O RESPEITO À DIVERSIDADE E SOBRE O RESPEITO AOS DIREITOS IGUAIS.



9 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O projeto desenvolvido na Escola Matias de Albuquerque revela não apenas a eficácia, mas a urgência de abordagens pedagógicas que promovam a cultura antirracismo. A pesquisa qualitativa, ancorada nas narrativas de crianças e de professoras, evidencia a profundidade das experiências vividas e as transformações alcançadas. A culminância do projeto em um livro infantil não só representa uma síntese lúdica dessas aprendizagens, mas também se posiciona como um pressuposto pedagógico poderoso para disseminar a importância do respeito, da observância da lei e da busca pela igualdade de direitos, desde a mais tenra idade.

Este trabalho não apenas contribui para o enriquecimento do ambiente escolar, mas também lança luz sobre a vitalidade e a relevância do combate ao racismo em nossas comunidades educacionais e sociais. Os resultados ficaram visíveis nas narrativas e no empoderamento e vida das bonecas.

Em nossa pesquisa, partimos das crianças, com as crianças para o mundo, saímos da escola e levamos para os olhinhos cheios de brilho a esperança de uma vida melhor. As falas, as ações, os encontros e desencontros fizeram com que crescêssemos enquanto seres humanos.

A professora Vitória nos mostrou que a história de sua vida refletiu em sua identidade docente. Ela resgata o sofrimento com a discriminação como um pressuposto fundamental para a organização de suas aulas, de sua forma de pensar o mundo. Ela não separa a História da Geografia ou da Arte. Ela ensina muitas geografias com suas crianças – a geografia da resistência – a geografia da paz – a geografia da criticidade e muitas outras.

A professora Fortaleza nos mostrou a importância de falar para tomar consciência de si, não é negra, mas incorpora a fala de um lugar que não é o dela. A Fortaleza aprendeu com a Matias. A Fortaleza nos inspira e nos faz crescer.

Dandara, Zumbi e Flor de Lótus nos dão a maior lição de vida. Falam como crianças que pensam e refletem sobre o mundo, a partir dos seus mundos narrados. Estas crianças nos permitem ser mais humanos e repensar nossas atitudes constantemente. Estas crianças não estavam dentro daquele navio, mas viveram e muitas vezes vivem como se lá estivessem, olhando a tristeza de quem os rodeiam. Essas crianças são gigantes, não com pés de barro, mas com pés de aço.

Nossos objetivos, focando nosso ponto de vista, foram alcançados. Para dar conta da questão de pesquisa e do objetivo maior, que era justamente o valor da escola e de um trabalho sério contra a discriminação para o empoderamento das crianças, certamente, ficou visível.

As estratégias pedagógicas envolvendo as bonecas Abayomis realmente configuraram aprendizagens diversas. A interdisciplinaridade ficou evidente, relacionaram-se conhecimentos de História, Geografia, Linguagem e Artes para um propósito que surtiu grande efeito para as crianças e para nós. Pudemos perceber os impactos que a Lei nº 10639/03 teve e tem nas escolas, como também, pelos autores lidos, a fragilidade ainda encontrada, pelo desconhecimento, despreparo e falta de internalização de valores em muitas escolas do Brasil. O livro de literatura infantil produzido versou sobre a diversidade cultural tendo como protagonista a boneca Abayomi. Desta forma, perseguimos nossos objetivos durante toda a pesquisa.

Queremos deixar estas palavras, nem tanto finais, tendo em vista que ouvimos muitas crianças, mas escolhemos três delas, talvez, por já conhecermos suas histórias e sentirmos a necessidade de, literalmente dar a palavra a elas. Teríamos mais professores a ouvir, mas ouvimos quem nos disse muito e representou o que outros tantos nos diriam. Nosso universo de fala não foi grande, reconhecemos, entretanto, em uma pesquisa qualitativa, não é o número que vale e sim o significado do que é proposto.

Nesta pesquisa, balançamos nos porões dos navios mal cheirosos, choramos com as narrativas, nos arrepiamos com as histórias, nos orgulhamos da postura de quem falou, nos preocupamos com os silenciamentos, nos misturamos com as cores da Matias e nos transformamos em outras pessoas. Talvez isso seja uma certa prepotência nossa, mas é o que estamos sentindo ao finalizar este trabalho.

Literalmente, nós, Cláudia e Roselane, nos construímos e construímos esta pesquisa. Não poderia ser diferente pelo grau de envolvimento que ela causou. Agradecemos a quem leu e também a quem lerá. Pode ser pouco, mas este pouco representou muito para cada uma de nós.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Pelotas, v. 14, p. 79 a 95, ASPHE/UFPEL, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educ. Pesqui.** 39 (1) Mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WskqTPrZgtc8k56XHvr8XBz/>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- ESCOLA Estadual de Ensino Fundamental Matias de Albuquerque. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**, ano de 2016, revisado em 2018, aprovado pela SECAD RS. Porto Alegre, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasília DF). **Portaria MEC nº 1.144/2016**. Resolução FNDE nº 17/2017. [S. l.], 12 mar. 2024. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Para onde foi a Geografia que penso ter aprendido. *In*: CASTROGIOVANNI, ANTONIO Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2015.
- COSTELLA, Roselane Zordan. **Espaços ausentes e não inexistentes na Geografia Escolar**. *In*: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; TONINI, Ivaine Maria (org.) (2019). Disponível em: [http://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/171380/001056604.pdf?sequence=](http://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/171380/001056604.pdf?sequence=1) Texto professoraRoselaneCostella1%20file:///C:/Users/Desktop Mestrado%20em%20Geografia /Desktop/ %202023/29424-136631-1-PB.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Os Saberes e os Itinerários que (Trans)formam os Profissionais Em Educação: Somos Um Conjunto De Muitos. *In*: _____ (org.). **Um pouco de cada um na construção professoral de muitos** [recurso eletrônico]: narrativas: itinerários: ressignificações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.
- COSTELLA, Roselane Zordan; MENEZES, V. S. (2021). O método (auto)biográfico na formação inicial de professores de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 25, e12. <https://doi.org/10.5902/2236499444027>.
- COSTELLA, Roselane Zordan. (Org.) **Retalhos em trama entre os fios do narrar, docenciar e geografar**. Porto Alegre, RS: IGEO/UFRGS, 2022.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, p. 333-346, abr.

2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLCbH/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora. UNESP, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Histórias de Vida e Formação: Suas Funcionalidades em Pesquisa, Formação Práticas Sociais**. Salvador, v.5, n.13, p.40-54, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KAERCHER, Nestor André (Org.). **Movimentos no ensinar geografia. Porto Alegre**: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2019.

LOPES, V.N. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

PERES, Lúcia Maria Vaz. O imaginário como matéria sutil e fluida fermentadora do viver humano. Diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. *In*: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luiz (org.). **Essas Coisas Do Imaginário**. São Leopoldo: OIKOS, 2009.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Quilombos urbanos e educação escolar quilombola: territórios em disputa. **Revista Diálogo e diversidade**, Bahia, v. 2, n. 14197, p. 1 – 18, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rdd/article/view/14197/10130>. Acesso em: 10 mar. 2023.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 58 jul.-set. 2014.

ROCHA, S.; SILVA, J. A. N. da. (2013). À luz da lei 10.639/03, avanços e desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 5(11), 55–82. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/189>.

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo Agenda De Pesquisa-ação. **Revista Tamoios**, ano. VII, n.1, 2011.

SMED (Porto Alegre). Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas. *In*: **Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas**. Porto Alegre RS: SMED, 30 mar. 2021.

Disponível em:

<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/dolores/pagaescola.htm>. Acesso em: 12 out. 2023.

TONIOLLO, Michele; ZANCAN, Natália Piva, WÜST, Caroline. Indústria Têxtil: Sustentabilidade, Impactos E Minimização. **VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**. Porto Alegre/RS – 23 a 26/11/2015. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2015/V-029.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

APÊNDICE A - TRANSFORMANDO HISTÓRIA PELA PRÓPRIA ABAYOMI: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA



Cláudia Adriana de Souza Campos¹³

RESUMO

Esta prática abrange dois fenômenos importantes para o raciocínio geográfico. O primeiro refere-se ao respeito à diversidade, a partir da compreensão do princípio da Ordem ou Arranjo Espacial, levando em consideração que o preconceito é consequência de uma situação histórico-espacial, regida pela intenção da sociedade. O segundo fenômeno diz respeito à consciência ambiental, oportunizando a leitura das invisibilidades no espaço vivido pelos alunos. Desta forma, a questão de pesquisa refere-se à importância da escola na construção de seres humanos comprometidos com o respeito ao outro e ao ambiente. O principal objetivo desta prática é desenvolver a capacidade reflexiva em alunos da Educação Básica, em escola de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, no que se refere ao respeito à diversidade e ao cuidado com o ambiente. A metodologia compreende a participação da comunidade escolar em oficinas para a confecção de bonecas ABAYOMIS, objeto significativo para a história e cultura destes povos, com marcos sociais evidentes. A atividade realizou-se com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Os principais resultados deste trabalho foi o envolvimento massivo de alunos e pais; o desenvolvimento da criticidade, tanto no entendimento e respeito dos diferentes grupos que compõe a sociedade, como na compreensão dos arranjos espaciais, entendendo a localização destes grupos no tempo e no espaço; as exposições dos trabalhos em diferentes ambientes; Dentre as diferentes linguagens geográficas escolheu-se a representação pela arte, na confecção da boneca.

Palavras-chave: Geografia; Diversidade espacial; Ambiente; Aprendizagem; Raciocínio geográfico.

RESUMEN

Esta práctica cubre dos fenómenos importantes para el razonamiento geográfico. El primero se refiere al respeto a la diversidad, a partir de la comprensión del principio de Orden o Disposición Espacial, teniendo en cuenta que el prejuicio es consecuencia de una situación histórico-espacial, regida por la intención de la sociedad. El segundo fenómeno se refiere a

¹³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
souzaclaudia.campos@gmail.com

la conciencia ambiental, que brinda la oportunidad de leer las invisibilidades en el espacio vivido por los estudiantes. Así, la pregunta de investigación se refiere a la importancia de la escuela en la formación de seres humanos comprometidos con el respeto a los demás y al medio ambiente. El principal objetivo de esta práctica es desarrollar la capacidad reflexiva en estudiantes de Educación Básica, de una escuela de Porto Alegre, en el Estado de Rio Grande do Sul, respecto al respeto a la diversidad y el cuidado del medio ambiente. La metodología incluye la participación de la comunidad escolar en talleres de elaboración de muñecos ABAYOMIS, objeto significativo para la historia y cultura de este pueblo, con evidentes hitos sociales. La actividad se desarrolló con alumnos de 1° a 5° año de Educación Primaria. Los principales resultados de este trabajo fueron la implicación masiva de estudiantes y padres de familia; el desarrollo de la criticidad, tanto en la comprensión y el respeto de los diferentes grupos que componen la sociedad, como en la comprensión de las disposiciones espaciales, comprendiendo la ubicación de estos grupos en el tiempo y el espacio; exposiciones de obras en diferentes ambientes; Entre los diferentes lenguajes geográficos, a la hora de realizar la muñeca se optó por la representación a través del arte.

Palabras clave: Geografía; diversidad espacial; ambiente; aprendiendo; razonamiento geográfico.

INTRODUÇÃO

A realização desta experiência desenvolveu nos alunos, por meio de uma atividade lúdica, a conscientização sobre as questões ambientais que fazem parte do cotidiano da escola e sobre o resgate da história, levando-os a uma reflexão da identidade do povo brasileiro, em especial os descendentes de escravizados.

Os alunos da escola envolvida nesta prática originam-se de regiões periféricas de Porto Alegre, vivem em precárias condições de saúde, com insegurança alimentar e insuficiente infraestrutura. Uma comunidade descrente que não conhece a sua própria história e por esse motivo, apresentam baixa alta estima.

No município de Porto Alegre e na Região Metropolitana, há uma grande quantidade de indústrias têxteis que provocam impactos ambientais por descartar resíduos, resultantes de tecidos em lugares inapropriados. Articularam-se assim as duas manifestações pedagógicas: o (re)conhecimento da própria história ou da história do/com o outro e a (re)utilização de resíduos de tecidos.

Ao acreditar que os alunos apresentam maior empenho em suas atividades pedagógicas quando são envolvidos pela ludicidade, bem como quando há a participação de pais e funcionários, a experiência aqui relatada uniu a criação da boneca ABAYOMIS de forma lúdica. A boneca é confeccionada com tecido negro, feitas sem costura, sem cola, sem olhos, com nós, em formato humano, foi criada no

final da década 80, por uma artesã maranhense Lena Martins, filósofa e ativista que transformou a boneca num importante símbolo da resistência negra.

A partir desta experiência pedagógica, considerada como práxis, tem-se como objetivo maior desenvolver a capacidade reflexiva em alunos da Educação Básica, em escola da Rede Estadual de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, no que se refere ao respeito à diversidade e ao cuidado com o ambiente. Para dar conta deste objetivo, outros específicos foram desenvolvidos: compreender a boneca ABAYOMIS como um símbolo de resgate da história dos descendentes de escravizados, para refletir sobre a diversidade e aumentar a autoestima; compreender a importância da utilização de resíduos industriais para preservar o ambiente; refletir de forma crítica sobre o lugar de vivência, para enxergá-lo como possibilidade de mudanças.

O recorte espacial da atividade foi uma escola pública em Porto Alegre. O recorte temporal descende da dinamicidade desta prática repetida em diferentes anos desde 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 (online), 2021. Os participantes foram pais, professores e alunos de 1º ao 5º ano. A intencionalidade foi trabalhar a Geografia de forma interdisciplinar e COM o aluno.

A Geografia nos anos iniciais, além de desenvolver o raciocínio espacial topológico – projetivo e euclidiano, tem também o dever de desenvolver nos alunos o raciocínio geográfico, a partir do reconhecimento, pensamento e reflexão sobre o lugar de vivência, ampliando para outras escalas, tanto cartográficas quanto geográficas. No entendimento de que a sociedade apresenta-se sob um arranjo definido por regras e ações ao longo da história, a Geografia, nesta prática, articula-se com diferentes temáticas e com diferentes componentes curriculares.

De forma interdisciplinar, os alunos desenvolveram a criatividade pela Arte, trabalhando também a motricidade fina; a História pelo reconhecimento e fortalecimento de uma narrativa forte em relação à condição, afeto, força e resistência dos escravizados e seus descendentes; a Geografia como reconhecimento do lugar e o desenvolvimento do raciocínio geográfico, na condição de refletir o espaço pelo tempo e pelas intempéries da vida; a Ciência com o intuito de proporcionar ao aluno o entendimento das consequências da má utilização de resíduos, desenvolvendo a consciência ambiental a partir da análise dos problemas causados pela indústria têxtil na região e a criação da (re)criação com restos de tecidos.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT) na região pesquisada para a experiência, diariamente são descartados,

inadequadamente, 12 toneladas de resíduos têxteis (retalhos) produzidos por mais de 1,2 mil confecções. A coleta dos retalhos é realizada de forma desorganizada, sem preocupação com a destinação adequada.

Os resultados foram positivos e extrapolaram as expectativas. O processo de criação resgatou a história, a história resgatou o lugar de vivência e o lugar de vivência transformou a maneira de pensar da comunidade.

METODOLOGIA

Inicialmente o grupo de professores e gestores estudaram a realidade dos alunos detectando os principais problemas de aprendizagens e seus motivos. A partir desta análise que se deu com reuniões pedagógicas e observações do espaço de vivência, detectou-se que, naquele momento, seria interessante: trabalhar com a/pela ludicidade, para contrair melhores resultados apurando o pensamento reflexivo; resgatar a autoestima a partir de exemplos significativos da história dos escravizados, por se tratar de um lugar predominantemente de negros; e desenvolver uma consciência ambiental para melhorar as condições de vida.

Na sequência, foi construída a proposta de forma interdisciplinar. Resolveu-se confeccionar a boneca aproveitando os resíduos de tecido que são descartados de forma inadequada no ambiente. Assim, estava no papel o que se transformaria em experiência refletida.

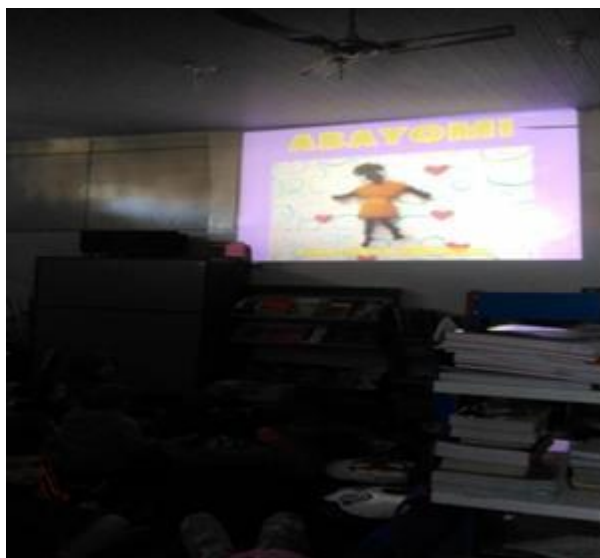
Após esta construção foi realizado um chamamento aos pais para que assistissem à palestra: “Pequenas ações, grandes resultados o meio ambiente agradece”. A palestra foi realizada por Cláudia Adriana de Souza Campos, uma das autoras deste texto, que abordou sobre a realidade da comunidade em relação aos desgastes ambientais, cultura antirracista e o empoderamento feminino, instigando as famílias a participar para a construção das bonecas Abayomi.

Na sequência, os alunos assistiram ao vídeo: Abayomi (<https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>) com as professoras regentes, vídeo este escolhido nos encontros pedagógicos. O vídeo foi precedido por várias questões que orientaram o resgate da forte e significativa história dos alunos, como por exemplo: de onde viemos? Por que viemos para este lugar? O que temos

de bom onde moramos? O que podemos modificar? Quem são nossos desentendidos? (entre outras perguntas realizadas, conforme o ano escolar).

Esta etapa está demonstrada na imagem a seguir:

Imagem 1 - Alunos assistindo ao vídeo



Fonte: Acervo da autora.

Após o vídeo, em outro dia, foram resgatadas as questões ambientais e em forma de desafios, como por exemplo, a origem do tecido utilizado em suas roupas, os desgastes ambientais das indústrias e pesquisas sobre os setores da economia, tendo como objeto a roupa – de onde vem a matéria prima, para onde vai, pegadas ecológicas, dentre outras.

Com o vídeo e o desafio sobre a (re)utilização dos resíduos das indústrias, os alunos sugeriram várias propostas como: visitação, confecção de cartazes, entrevistas, entre outras. Até que se chegou na confecção da boneca.

Foi então escolhido o grande momento, confeccionar a boneca Abayomi que resgata a forte história dos escravizados a partir dos tecidos de sobra das indústrias. A gestão entrou em contato com as indústrias, resgatou os tecidos e, ainda, descreveu a atividade e levou a reflexão sobre o descarte.

Sobre aquele dia:

- 1- Participaram 8 turmas de alunos de 1º ao 5º ano;
- 2- Foram no total 170 alunos e 14 profissionais da educação;
- 3- Envolveram-se 100 famílias;

Imagem 2 - Confeção das bonecas



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

- 4- Entendido como se faz, chegou o momento de colocar a “mão na massa”:

Imagem 3 - Confeção da boneca por pais, funcionários e alunos



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

autora.

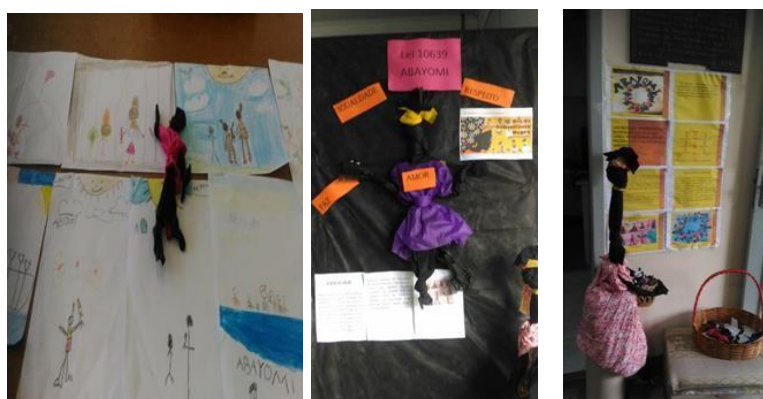
6- Confeccionadas as bonecas, foram selecionadas as formas de divulgação:

- Na escola:

Imagem 4 - Exposição do trabalho na escola



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

- Na Feira de Direitos Humanos é um evento organizado pela Comissão de direitos humanos da Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul, foi realizado no Teatro da OSPA, Avenida Borges de Medeiros,1501. A feira teve a participação de 26 instituições de ensino entre público e privado as quais tiveram trabalhos que se destacaram com a temática de direitos humanos, para apresentar e multiplicar suas práticas, as participantes eram de ensino fundamental II e ensino médio, a escola com o projeto Abayomi foi a única de ensino fundamental I a qual levou uma representação de 40 alunos e 8 profissionais.

Imagem 5 - Participação dos alunos na Feira dos Direitos Humanos



Fonte: Acervo da autora.

Na sequência, participamos no mesmo ano de mais dois eventos, no largo Glênio Peres, o evento dos Parceiros Voluntários, e o outro no Fórum Tribal Metropolitano, no espaço verde do Sesc (Av. Protásio Alves, 6220).

Imagem 6 - Largo Glênio Peres. Alunos protagonizando oficinas para outras escolas SESC Fórum Tribal



Fonte: Acervo da autora.


No ano de 2020, os alunos estavam em aula no formato híbrido devido a pandemia de covid 19, mas deram continuidade aos projetos da escola, inclusive o das Abayomis. Foi decidido pelo corpo docente que iriam participar da III Feira de Direitos Humanos, no formato on-line. As professoras orientaram os estudantes e as suas famílias acerca das regras para que fosse possível a participação das crianças no evento.

Os alunos desenharam e comentaram com as famílias que ouviram explicações e reproduziram tudo tal qual foi dito sobre cada desenho confeccionado. Após, foram enviados para a comissão de Direitos humanos da PGE e selecionados pelos organizadores para posteriormente serem publicados em um e-book.

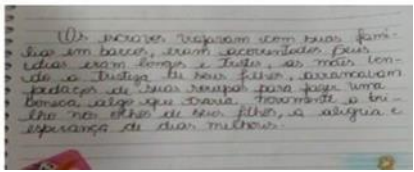
Em 2021, devido aos protocolos de segurança contra a COVID 2019, as Abayomis foram restritas à história, à confecção nas turmas e/ou em meio às famílias. Em 2022, no dia 20 outubro, houve o lançamento do e-book, em que a Comissão de Direitos Humanos da Procuradoria Geral do Estado apreciou vários trabalhos publicados dos alunos, sendo que três páginas abarcavam as Abayomis nas páginas 188,189,190.

Imagem 7 - Participação dos alunos na III Feira de Direitos Humanos (PGE)


PGE
RS



Contextualização família



PGE
RS




Contextualização aluno: Todos temos direitos iguais não importa a cor da pele, todos tem que ter respeito e amor.

2.22.5 DIREITO DAS CRIANÇAS (ECA) – Trabalho 2

Nome Estudante: Nicolay Giovanela Vargas
E.E.E.F. Matias de Albuquerque
Idade do Estudante: 6 anos Série: 1º ano
Disciplina: Interdisciplinar
Nome Orientadora: Isabel Cristina Tavares

Ativa
Assista

PGE
RS




Contextualização da família: relato do aluno durante a realização da atividade.

A Marcela disse que imaginou as crianças dentro do barco chorando porque não tinham como brincar. E depois uma mãe rasgando um pedaço do seu vestido para fazer a Abayomi, o que deixou as crianças felizes com suas bonecas fazendo deste momento um encontro precioso.

A história da Abayomi nos dá uma grande lição de criatividade e de o quanto essas mães tiveram que se organizar e se reinventar para dar acalento e alegria aos seus filhos, diante das dificuldades e todo sofrimento que estavam passando. Acho que é um exemplo para os nossos dias difíceis, das vezes que não se comparam aos que passaram essas máis.

Não sei se era isso que você queria, mas tentei escrever mais ou menos o que a Marcela expressou no desenho, e logo, minha breve reflexão.

PGE
RS



Contextualização da família

Em relação ao desenho, segue a descrição do Richard

- 1- Representa os escravos nos navios negreiros.
- 2- Menina chorando vendo o sofrimento do adulto, no caso seus pais.
- 3- Representam a figura da boneca de pano Abayomi dada às crianças.

Ativa
Assista

Fonte: PGE (RS)

No ano de 2022, a escola foi convidada também para organizar a parte interna do estande da Secretaria de Educação do Estado, na Feira do Livro de Porto Alegre, o projeto da Abayomi foi um dos destaques da escola. E o objetivo foi valorizar a cultura afrodescendente e favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas.

Assim, foram confeccionadas por alunos, profissionais da escola e comunidade escolar mais de 660 bonecas, que foram distribuídas no estande da SEDUC-RS e para alunos nos dias em que foram visitar a feira. Foram organizados dois quadros com leitor Qrcode, que levavam os visitantes a descobrir o que havia por trás daquele código. Neste caso, contava a história das Abayomis, bem como falava sobre a importância da Lei nº 10.639, assim, o uso dessa ferramenta teve como objetivo instigar a curiosidade e, ao mesmo tempo, incentivar a ler e a conhecer a cultura afro.

Além disso, também estavam dispostos cartazes demonstrando como construir a boneca.

Imagem 8 – Código QR Code Feira do Livro



Fonte: Acervo da autora.

As Abayomis apresentam aos alunos a história e, ao mesmo tempo, mostram que a individualidade é comum. O significado do nome da boneca é “Precioso”, assim, quando questionados sobre o que é essa palavra para eles, sempre surgem mil definições, mas, neste caso, refere-se a respeito, à igualdade de direitos, à socialização, ao espaço que ocupa e que o outro ocupa e o que nós ocupamos juntos, pois vivemos em sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Organizou-se este referencial teórico a partir de três reflexões principais: a relação entre a teoria e a prática, na construção do raciocínio geográfico; a necessidade de partir do aluno para compreender a dinâmica pedagógica, dando conta da interpretação do espaço do aluno; e a complexidade do ensinar a aprender, por meio de situações vivenciadas e interdisciplinares, compreendendo as invisibilidades dos lugares de vivência.

Conforme Nóvoa (2022, p. 76), em suas variadas discussões sobre a formação da identidade docente, a condição do ser professor e sentir-se professor provém, principalmente, do potencial reflexivo sobre suas práticas.

Mas a teoria de uns e a prática de outros é, muitas vezes, vazia: ou porque é uma teoria enciclopédica, de uma erudição que pouco ajuda a pensar criticamente a educação e a profissão; ou porque é uma prática rotineira, sem qualquer capacidade de reflexão e de construção de novas dinâmicas. (NÓVOA, 2022, p. 76)

Assim pensou-se na construção desta experiência. Uma “práxis”, uma prática refletida. O que fazer? Por que fazer? Como fazer? Com quem fazer? A dinâmica não foi uma reprodução de informações enciclopédicas, foi uma ação pensada COM o aluno, a partir do aluno. Refletiu-se desde as necessidades e como estas necessidades poderiam ser amenizadas pela ação docente, até o envolvimento da comunidade escolar.

Não se caiu no vazio, pelo contrário, foi uma emersão nas possibilidades de ação e reflexão sobre, principalmente, o aluno e o seu lugar. Os professores se (auto)formaram e, ao mesmo tempo formaram seus alunos que, da mesma forma se (auto)formaram. Foi a construção de uma nova dinâmica.

A reflexão provocada no aluno superou a crítica reducionista, ou seja, sabemos que alguma coisa está fora de lugar, mas nos acostumamos com isso. O aluno enxerga que poderia ser melhor, mas não sabe por onde começar, não compreende a importância da sua própria história. Esta experiência não se consagrou reducionista e com caráter ingênuo, porque refletiu sobre a sua origem, juntamente com as questões ambientais presentes em seu cotidiano. Todos foram levados a interpretar os fatos, compreender os motivos do que acontecia e por que acontecia neste lugar. O raciocínio geográfico percolou pela experiência, um olhar curioso e atento sobre a sua realidade foi provocado, tanto nos professores que praticaram suas (auto)formações como nos alunos.

A Geografia nos coloca diante das escalas geográficas e cartográficas, para entendermos os processos que conduzem às mudanças dos lugares, observando-os e raciocinando sobre eles, estimulando operações lógicas superiores tais como: sequenciar, ordenar, compreender, explicar, estabelecer conexões racionais sobre fatos e fenômenos, a razão da distribuição dos objetos técnicos que compõe a totalidade do espaço geográfico, entre outras, por meio da linguagem cartográfica e de outros tipos de representações. (CASTELLAR, 2021, p. 12)

Castellar nos faz refletir sobre o raciocínio no/do lugar, ou seja, o aluno e o professor operando logicamente as relações e imbricamentos que compõe o arranjo espacial. Nesta experiência a intenção foi a compreensão das conexões entre os fenômenos geográficos: questões ambientais e resgate histórico. Cada uma destas temáticas envolveu o pensar sobre o lugar de vivência e provocou transformação na forma de pensar dos alunos. Compreende-se que a análise sobre a ordenação imposta pela sociedade, a partir da linguagem geográfica, provoca o entendimento da ordem ou arranjo espacial.

“Ordem ou arranjo espacial é o princípio de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu” (BNCC, 2018, p. 358). Entende-se que a sociedade em que pertence o lugar do aluno, apresenta um arranjo espacial produzido por uma organização social que o excluiu. Pensar com complexidade sobre isso é não naturalizar e sim modificar a forma de pensar e agir sobre o espaço.

A escola e o aluno precisam ser compreendidos nos diferentes objetos do conhecimento de forma interdisciplinar e articulada. Interpretar um mesmo fenômeno a partir de diferentes ciências é uma das condições para a construção de um aluno protagonista. Estes alunos são excluídos socialmente, naturalizam acontecimentos e acostuma-se com o preconceito e com situações críticas, como por exemplo, as ambientais. A escola não pode deixar de trazer os problemas e as reflexões sobre eles.

Dessa forma, não há como fugir das questões de classe e justiça social ao se analisar a escola, sob o risco de ao contemplarmos as injustiças sem nada fazermos, assumir sem consciência a postura de apoio ao opressor, pois são justamente os alunos oriundos das áreas mais carentes de infraestrutura urbana que são as maiores vítimas da exclusão e para quem se fecham as possibilidades possíveis pelas ações dos educadores comprometidos com sua atuação social. (AGNES, 2022, p 118)

Acredita-se que, raciocinando sobre a ordem produzida no espaço da escola, sua complexidade e necessidade de mudanças, esta experiência refletida rendeu brilhos nos olhos e resgate da autoestima dos alunos e, por parte dos professores, a oportunidade de pensar de forma interdisciplinar.

Referencial teórico da pesquisa contém as principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte do tema estudado. Ele serve para situar o leitor quanto à linha de raciocínio que o autor seguiu na construção de seu artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a história, para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Ioruba, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Este símbolo despertou nos alunos a vontade de conhecer e reviver suas histórias, valorizando a força do povo escravizado.

A junção do resgate histórico com as questões ambientais trouxe aos alunos e professores o entendimento lógico do espaço, por meio do raciocínio geográfico. As questões foram discutidas e os alunos envolveram-se na atividade e também na construção reflexiva e crítica sobre os arranjos que compõe o lugar em que vivem.

As bonecas juntamente com as suas histórias foram entregues às pessoas em diferentes lugares, foram expostas na escola e despertaram em todos a vontade de reconhecer suas histórias. As crianças viveram esta atividade com muito empenho e criatividade.

Um dos maiores resultados foi o envolvimento da comunidade escolar, as ideias levantadas e discutidas e, principalmente o olhar radiante dos alunos que, de suas mãozinhas pequenas e frágeis viram os tecidos descartados virar história.

O artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente e sobre o direito de uso de imagens.

Essa parte do trabalho, também, é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que serão dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Ainda, tem-se a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas

pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do artigo.

REFERÊNCIAS:

AIGNER, Carlo H. O. Educação e Cidadania: Práticas Dialógicas e Instauradoras na Escola. Tese de Doutorado. Porto Alegre PPGA – UFRGS, 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. CASTELLAR, Sônia M. V. Raciocínio Geográfico e Teoria do Reconhecimento na Formação Do Professor De Geografia Revista Signos Geográficos. V.1, P. 1-20. 2019.

NÓVOA, António. Escolas e Professores – Proteger – Transformar – Valorizar. – SALVADOR: EGBA, 2022.

APÊNDICE B - ABAYOMIS TRANSFORMANDO A HISTÓRIA PELA PRÓPRIA HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

ABAYOMIS TRANSFORMANDO A HISTÓRIA PELA PRÓPRIA HISTÓRIA:
uma experiência na escola

Cláudia Adriana de Souza Campos¹⁴
souzaclaudia.campos@gmail.com

Roselane Zordan Costella¹⁵
professoracostella@gmail.com

INTRODUÇÃO

A realização desta experiência desenvolveunos alunos, por meio de uma atividade lúdica, a conscientização sobre as questões ambientais que fazem parte do cotidiano da escola e sobre o resgate da história, levando-os a uma reflexão da identidade do povo brasileiro, em especial os descendentes de escravizados.

Os alunos da escola envolvida nesta prática originam-se de regiões periféricas de Porto Alegre, vivem em precárias condições de saúde, com insegurança alimentar e insuficiente infraestrutura. Uma comunidade descrente que não conhece a sua própria história e por esse motivo, apresentam baixa alta estima.

No município de Porto Alegre e na Região Metropolitana, há uma grande quantidade de indústrias têxteis que provocam impactos ambientais por descartar resíduos, resultantes de tecidos em lugares inapropriados. Articularam-se assim as duas manifestações pedagógicas: o (re)conhecimento da própria história ou da história do/com o outro e a (re)utilização de resíduos de tecidos.

Ao acreditar que os alunos apresentam maior empenho em suas atividades pedagógicas quando são envolvidos pela ludicidade, bem como quando há a participação de pais e funcionários, a experiência aqui relatada uniu a criação da boneca ABAYOMIS de forma lúdica. A boneca é confeccionada com tecido negro, feitas sem costura, sem cola, sem olhos, com nós, em formato humano, foi criada no

¹⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

¹⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

final da década 80, por uma artesã maranhense Lena Martins, filósofa e ativista que transformou a boneca num importante símbolo da resistência negra.

A partir desta experiência pedagógica, considerada como práxis, tem-se como objetivo maior desenvolver a capacidade reflexiva em alunos da Educação Básica, em escola da Rede Estadual de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, no que se refere ao respeito à diversidade e ao cuidado com o ambiente. Para dar conta deste objetivo, outros específicos foram desenvolvidos: compreender a boneca ABAYOMIS como um símbolo de resgate da história dos descendentes de escravizados, para refletir sobre a diversidade e aumentar a autoestima, compreender a importância da utilização de resíduos industriais para preservar o ambiente; refletir de forma crítica sobre o lugar de vivência, para enxergá-lo como possibilidade de mudanças.

O recorte espacial da atividade foi uma escola pública em Porto Alegre. O recorte temporal descende da dinamicidade desta prática repetida em diferentes anos desde 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 (online), 2021. Os participantes foram pais, professores e alunos de 1º ao 5º ano. A intencionalidade foi trabalhar a Geografia de forma interdisciplinar e COM o aluno.

A Geografia nos anos iniciais, além de desenvolver o raciocínio espacial topológico – projetivo e euclidiano, tem também o dever de desenvolver nos alunos o raciocínio geográfico, a partir do reconhecimento, pensamento e reflexão sobre o lugar de vivência, ampliando para outras escalas, tanto cartográficas quanto geográficas. No entendimento de que a sociedade se apresenta sob um arranjo definido por regras e ações ao longo da história, a Geografia, nesta prática, articula-se com diferentes temáticas e com diferentes componentes curriculares.

De forma interdisciplinar, os alunos desenvolveram a criatividade pela Arte, trabalhando também a motricidade fina; a História pelo reconhecimento e fortalecimento de uma narrativa forte em relação à condição, afeto, força e resistência dos escravizados e seus descendentes; a Geografia como reconhecimento do lugar e o desenvolvimento do raciocínio geográfico, na condição de refletir o espaço pelo tempo e pelas intempéries da vida; a Ciência com o intuito de proporcionar ao aluno o entendimento das consequências da má utilização de resíduos, desenvolvendo a consciência ambiental a partir da análise dos problemas causados pela indústria têxtil na região e a criação da (re)criação com restos de tecidos.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT) na região pesquisada para a experiência, diariamente são descartados, inadequadamente, 12 toneladas de resíduos têxteis (retalhos) produzidos por mais de 1,2 mil confecções. A coleta dos retalhos é realizada de forma desorganizada, sem preocupação com a destinação adequada.

Os resultados foram positivos e extrapolaram as expectativas. O processo de criação resgatou a história, a história resgatou o lugar de vivência e o lugar de vivência transformou a maneira de pensar da comunidade.

A REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA – REFERENCIAL TEÓRICO

Organizou-se este referencial teórico a partir de três reflexões principais: a relação entre a teoria e a prática, na construção do raciocínio geográfico; a necessidade de partir do aluno para compreender a dinâmica pedagógica, dando conta da interpretação do espaço do aluno; e a complexidade do ensinar a aprender, por meio de situações vivenciadas e interdisciplinares, compreendendo as invisibilidades dos lugares de vivência.

Conforme Nóvoa (2022, p. 76), em suas variadas discussões sobre a formação da identidade docente, a condição do ser professor e sentir-se professor provém, principalmente, do potencial reflexivo sobre suas práticas.

Mas a teoria de uns e a prática de outros é, muitas vezes, vazia: ou porque é uma teoria enciclopédica, de uma erudição que pouco ajuda a pensar criticamente a educação e a profissão; ou porque é uma prática rotineira, sem qualquer capacidade de reflexão e de construção de novas dinâmicas. (NÓVOA, 2022, p. 76)

Assim pensou-se na construção desta experiência. Uma “práxis”, uma prática refletida. O que fazer? Por que fazer? Como fazer? Com quem fazer? A dinâmica não foi uma reprodução de informações enciclopédicas, foi uma ação pensada COM o aluno, a partir do aluno. Refletiu-se desde as necessidades e como estas necessidades poderiam ser amenizadas pela ação docente, até o envolvimento da comunidade escolar.

Não se caiu no vazio, pelo contrário, foi uma emersão nas possibilidades de ação e reflexão sobre, principalmente, o aluno e o seu lugar. Os professores se

(auto)formaram e, ao mesmo tempo formaram seus alunos que, da mesma forma se (auto)formaram. Foi a construção de uma nova dinâmica.

A reflexão provocada no aluno superou a crítica reducionista, ou seja, sabemos que alguma coisa está fora de lugar, mas nos acostumamos com isso. O aluno enxerga que poderia ser melhor, mas não sabe por onde começar, não compreende a importância da sua própria história. Esta experiência não se consagrou reducionista e com caráter ingênuo, porque refletiu sobre a sua origem, juntamente com as questões ambientais presentes em seu cotidiano. Todos foram levados a interpretar os fatos, compreender os motivos do que acontecia e por que acontecia neste lugar. O raciocínio geográfico percolou pela experiência, um olhar curioso e atento sobre a sua realidade foi provocado, tanto nos professores que praticaram suas (auto)formações como nos alunos.

A Geografia nos coloca diante das escalas geográficas e cartográficas, para entendermos os processos que conduzem às mudanças dos lugares, observando-os e raciocinando sobre eles, estimulando operações lógicas superiores tais como: sequenciar, ordenar, compreender, explicar, estabelecer conexões racionais sobre fatos e fenômenos, a razão da distribuição dos objetos técnicos que compõe a totalidade do espaço geográfico, entre outras, por meio da linguagem cartográfica e de outros tipos de representações. (CASTELLAR, 2021, p. 12)

Castellar nos faz refletir sobre o raciocínio no/do lugar, ou seja, o aluno e o professor operando logicamente as relações e imbricamentos que compõe o arranjo espacial. Nesta experiência a intenção foi a compreensão das conexões entre os fenômenos geográficos: questões ambientais e resgate histórico. Cada uma destas temáticas envolveu o pensar sobre o lugar de vivência e provocou transformação na forma de pensar dos alunos. Compreende-se que a análise sobre a ordenação imposta pela sociedade, a partir da linguagem geográfica, provoca o entendimento da ordem ou arranjo espacial.

“Ordem ou arranjo espacial é o princípio de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu” (BNCC, 2018, p. 358). Entende-se que a sociedade em que pertence o lugar do aluno, apresenta um arranjo espacial produzido por uma organização social que o excluiu. Pensar com complexidade sobre isso é não naturalizar e sim modificar a forma de pensar e agir sobre o espaço.

A escola e o aluno precisam ser compreendidos nos diferentes objetos do conhecimento de forma interdisciplinar e articulada. Interpretar um mesmo fenômeno

a partir de diferentes ciências é uma das condições para a construção de um aluno protagonista. Estes alunos são excluídos socialmente, naturalizam acontecimentos e acostuma-se com o preconceito e com situações críticas, como por exemplo, as ambientais. A escola não pode deixar de trazer os problemas e as reflexões sobre eles.

Dessa forma, não há como fugir das questões de classe e justiça social ao se analisar a escola, sob o risco de ao contemplarmos as injustiças sem nada fazermos, assumir sem consciência a postura de apoio ao opressor, pois são justamente os alunos oriundos das áreas mais carentes de infraestrutura urbana que são as maiores vítimas da exclusão e para quem se fecham as possibilidades possíveis pelas ações dos educadores comprometidos com sua atuação social. (AGNES, 2022, p 118).

Acredita-se que, raciocinando sobre a ordem produzida no espaço da escola, sua complexidade e necessidade de mudanças, esta experiência refletida rendeu brilhos nos olhos e resgate da autoestima dos alunos e, por parte dos professores a oportunidade de pensar de forma interdisciplinar.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Inicialmente o grupo de professores e gestores estudaram a realidade dos alunos detectando os principais problemas de aprendizagens e seus motivos. A partir desta análise que se deu com reuniões pedagógicas e observações do espaço de vivência, detectou-se que, naquele momento, seria interessante: trabalhar com a/pela ludicidade, para contrair melhores resultados apurando o pensamento reflexivo; resgatar a autoestima a partir de exemplos significativos da história dos escravizados, por se tratar de um lugar predominantemente de negros; e desenvolver uma consciência ambiental para melhorar as condições de vida.

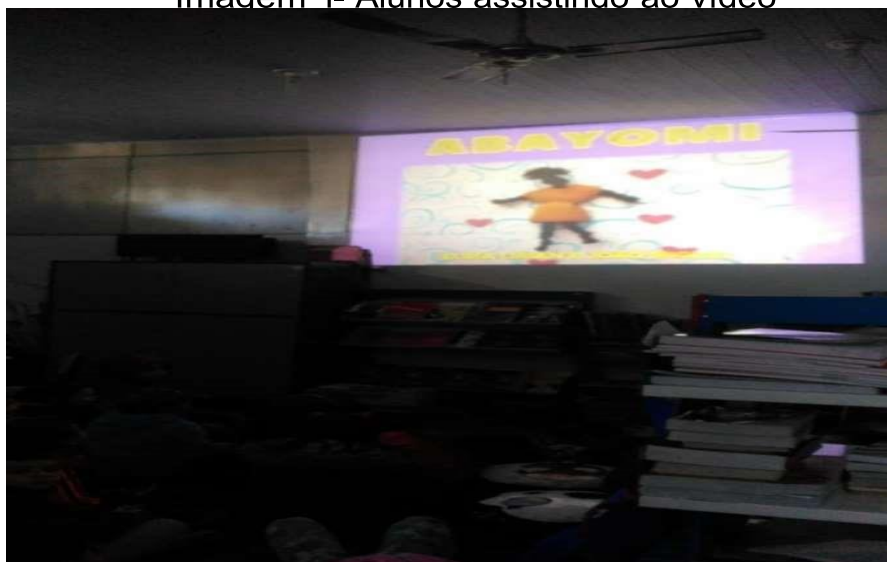
Na sequência, foi construída a proposta de forma interdisciplinar. Resolveu-se confeccionar a boneca aproveitando os resíduos de tecido que são descartados de forma inadequada no ambiente. Assim, estava no papel o que se transformaria em experiência refletida.

Após esta construção foi realizado um chamamento aos pais para que assistissem à palestra: “Pequenas ações, grandes resultados o meio ambiente agradece”. A palestra foi realizada por Cláudia Adriana de Souza Campos, uma das autoras deste texto, que abordou sobre a realidade da comunidade em relação aos

desgastes ambientais, cultura antirracista e o empoderamento feminino, instigando as famílias a participar para a construção das bonecas Abayomi.

Na sequência, os alunos assistiram ao vídeo: Abayomi (<https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>) com as professoras regentes, vídeo este escolhido nos encontros pedagógicos. O vídeo foi precedido por várias questões que orientaram o resgate da forte e significativa história dos alunos, como por exemplo: de onde viemos? Por que viemos para este lugar? O que temos de bom onde moramos? O que podemos modificar? Quem são nossos desentendidos? (entre outras perguntas realizadas, conforme o ano escolar). Esta etapa está demonstrada na imagem a seguir:

Imagem 1- Alunos assistindo ao vídeo



Fonte: Acervo da autora.

Após o vídeo, em outro dia, foram resgatadas as questões ambientais e em forma de desafios, como por exemplo, a origem do tecido utilizado em suas roupas, os desgastes ambientais das indústrias e pesquisas sobre os setores da economia, tendo como objeto a roupa – de onde vem a matéria prima, para onde vai, pegadas ecológicas, dentre outras.

Com o vídeo e o desafio sobre a (re)utilização dos resíduos das indústrias, os alunos sugeriram várias propostas como: visita, confecção de cartazes, entrevistas, entre outras. Até que se chegou na confecção da boneca.

Foi então escolhido o grande momento, confeccionar a boneca Abayomi que resgata a forte história dos escravizados a partir dos tecidos de sobra das indústrias. A gestão

entrou em contato com as indústrias, resgatou os tecidos e, ainda, descreveu a atividade e levou a reflexão sobre o descarte.

Quanto aquele dia:

1. Participaram 8 turmas de alunos de 1º ao 5º ano;
2. Foram no total 170 alunos e 14 profissionais da educação;
3. Envolveram-se 100 famílias;

IMAGEM 2 - CONFECÇÃO DAS BONECAS



Fonte: Acervo da autora.

Entendido como se faz, chegou o momento de colocar a “mão na massa”:

Imagem 3 - Confeção da boneca por pais, funcionários e alunos



Fonte: Acervo da autora.

Confeccionadas as bonecas, foram selecionadas as formas de divulgação:

Na escola:

IMAGEM 4 - EXPOSIÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA



Fonte: Acervo da autora.

Na Feira de Direitos Humanos é um evento organizado pela Comissão de direitos humanos da Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul, foi realizado no Teatro da OSPA, Avenida Borges de Medeiros, 1501. A feira teve a participação de 26 instituições de ensino entre público e privado as quais tiveram trabalhos que se destacaram com a temática de direitos humanos, para apresentar e multiplicar suas práticas, as participantes eram de ensino fundamental II e ensino médio, a escola com o projeto Abayomi foi a única de ensino fundamental I a qual levou uma representação de 40 alunos e 8 profissionais.

IMAGEM 5 - PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA FEIRA DOS DIREITOS HUMANOS



Fonte: Acervo da autora.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Segundo a história, para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em loruba, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Este símbolo despertou nos alunos a vontade de conhecer e reviver suas histórias, valorizando a força do povo escravizado.

As junções do resgate histórico com as questões ambientais trouxeram aos alunos e professores o entendimento lógico do espaço, por meio do raciocínio

geográfico. As questões foram discutidas e os alunos envolveram-se na atividade e também na construção reflexiva e crítica sobre os arranjos que compõe o lugar em que vivem.

As bonecas juntamente com as suas histórias foram entregues às pessoas em diferentes lugares, foram expostas na escola e despertaram em todos a vontade de reconhecer suas histórias. As crianças viveram esta atividade com muito empenho e criatividade.

Um dos maiores resultados foi o envolvimento da comunidade escolar, as ideias levantadas e discutidas e, principalmente o olhar radiante dos alunos que, de suas mãozinhas pequenas e frágeis viram os tecidos descartados virar história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIGNER, Carlo H. O. Educação e Cidadania: Práticas Dialógicas e Instauradoras na Escola. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGEA – UFRGS, 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CASTELLAR, Sônia M. V. Raciocínio Geográfico e Teoria do Reconhecimento na Formação Do Professor De Geografia Revista Signos Geográficos. V.1, P. 1-20. 2019.

NÓVOA, António. Escolas e Professores – Proteger – Transformar – Valorizar. – SALVADOR: EGBA, 2022.